

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Tatiana Jimenes Silveira Ribeiro**

**VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM TEXTOS  
ANTIGOS: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA NEOGRAMÁTICA E DA  
DIFUSÃO LEXICAL**

Santa Maria, RS  
2018

**Tatiana Jimenes Silveira Ribeiro**

**VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM TEXTOS ANTIGOS:  
CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA NEOGRAMÁTICA E DA DIFUSÃO LEXICAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Estudos Linguísticos**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiana Keller

Santa Maria, RS  
2018

**Tatiana Jimenes Silveira Ribeiro**

**VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM TEXTOS ANTIGOS:  
CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA NEOGRAMÁTICA E DA DIFUSÃO LEXICAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

**Aprovada em 17 de dezembro de 2018:**



**Tatiana Keller, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

  
**Evelyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa, Dra. (UFSM)**  
**Paulo Ricardo Silveira-Borges, Dr. (UFPel)**

Santa Maria, RS  
2018



*À minha mãe e aos meus irmãos  
dedico esta Dissertação.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me concedido saúde e perseverança para concluir esta Dissertação.

Agradeço à minha amada mãe, Luciana, por sempre acreditar em mim e apoiar minhas escolhas.

Agradeço à Ariane por sonhar comigo.

Agradeço à minha professora e orientadora, Dra. Tatiana Keller, por me ensinar, me guiar neste caminho dos estudos linguísticos e por compartilhar de sua sabedoria.

Agradeço à banca examinadora, composta pelos professores doutores Paulo Borges (UFPel) e Evelyne Costa (UFSM), pelas contribuições e críticas concedidas a mim na realização deste estudo.

Agradeço também ao *Programa de Pós-graduação em Letras*, da Universidade Federal de Santa Maria e à CAPES.

Meu muitíssimo obrigada.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Periodização da língua portuguesa.....	18
Quadro 2 – As vogais do português arcaico.....	28
Quadro 3 - Os ditongos <i>æ</i> e <i>oe</i> do latim clássico.....	29

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ortografia Nacional de Gonçalves Vianna.....	23
Figura 2 – Perda da distinção fonêmica dos timbres de e e o.....	30
Figura 3 – As vogais do português brasileiro.....	31
Figura 4 – As vogais pretônicas do português brasileiro .....	32
Figura 5 – As vogais do português brasileiro .....	32



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos de documentos .....	61
Tabela 2 – Dados de Pesquisa .....	66
Tabela 3 – Contexto fonológico precedente e seguinte (HV).....	70
Tabela 4 – Contexto fonológico precedente e seguinte (AL).....	72
Tabela 5 – Contexto fonológico (AB).....	75
Tabela 6 – Número de ocorrência dos dados com alçamento da vogal e.....	77
Tabela 7 – Número de ocorrência dos dados com alçamento da vogal o.....	78
Tabela 8 – Número de ocorrência com abaixamento de i.....	78
Tabela 9 – Frequência tipo.....	80
Tabela 10 – informações dos manuscritos e redatores.....	87

## LISTA DE ABREVIATURAS

DL	Difusão Lexical
HV	Harmonia vocálica
AL	Alçamento sem motivação aparente
AB	Abaixamento vocálico
AHMSM	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
AHRS	Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
CMED	Casa de Memória Edmundo Cardoso
NEO	Neogramática
PHRS	Português Histórico do Rio Grande do Sul

## RESUMO

### VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM TEXTOS ANTIGOS: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA NEOGRAMÁTICA E DA DIFUSÃO LEXICAL

AUTORA: Tatiana Jimenes Silveira Ribeiro

ORIENTADORA: Tatiana Keller

No que diz respeito ao sistema vocálico, esta pesquisa busca compreender as variações vocálicas do português através da incidência dos processos fonológicos de *harmonia vocálica*, *alçamento sem motivação aparente* e *abaixamento vocálico* recorrentes em textos antigos redigidos no Rio Grande do Sul. O estudo está centrado nas variações das vogais médias pretônicas que podem ser explicadas segundo duas teorias distintas de mudança linguística, como no âmbito da regra neogramática ou como um fenômeno de caráter difusionista. O objetivo desta pesquisa é analisar as ocorrências de substituições das vogais pretônicas e discutir se elas podem ser explicadas como um fenômeno de origem articulatória, passível de explicação e/ou como uma mudança de cunho lexical. Sabemos que a instabilidade das vogais médias pretônicas é comum na língua desde o português arcaico. Sendo assim, verificamos, nos manuscritos antigos, a oscilação das vogais médias pretônicas, como registrada nas palavras *f<sub>l</sub>minino (HV)*, *m<sub>u</sub>tivo (HV)*, *descuberta (AL)*, *destrito (AB)*. O *corpus* da pesquisa compreende 19 edições fac-similadas e/ou diplomáticas de documentos do século XIX e início do XX, os quais pertencem ao *Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria*, à *Casa de Memória Edmundo Cardoso*, ao *Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul*, ao *Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul* e ao *Projeto Português Histórico do Rio Grande do Sul*, coordenado pela Dra. Evelyne Costa (UFSM). Refletimos se é possível analisar a variação das vogais pretônicas como regra neogramática e como difusão lexical, pois os dados mostram que há evidências para a regra de harmonia vocálica, como a presença da vogal alta na sílaba seguinte, de abaixamento vocálico, e de alçamento das pretônicas sem a presença de vogal alta na sílaba adjacente, o principal gatilho da elevação. Propomos uma análise conjugada das teorias a fim de compreender melhor os fenômenos estudados.

Palavras-chave: mudanças linguísticas. processos fonológicos. textos antigos. Rio Grande do Sul.

## ABSTRACT

### VARIATION OF THE PRETONIC MID-VOWELS IN ANCIENT TEXTS: CONTRIBUTIONS OF THE NEOGRAMMATICAL THEORY AND LEXICAL DIFFUSION

AUTHOR: Tatiana Jimenes Silveira Ribeiro  
ADVISOR: Tatiana Keller

With regards to the vowel system, this research seeks to understand the vowel variations of Portuguese through the incidence of phonological processes of vocal harmony, raising without apparent motivation and lowering vowel frequent in ancient texts written in Rio Grande do Sul. The study is focused on the variations of the pretonic mid-vowels that can be explained according to two distinct theories of linguistic change, as in the scope of the neogrammatical rule or as a diffusionist phenomenon. The aim of this study is to analyze the occurrences of replacements in pretonic vowels and discuss whether they can be explained like a phenomenon of articulatory origin, explainable and/or as a change of lexical imprint. It is well known that the imbalance of the pretonic mid-vowels is common in the language since the archaic Portuguese. Therefore, it was found in the old manuscripts, the variation of the pretonic mid-vowels, as recorded in the words *f<sub>i</sub>minino (VH)*, *mu<sub>u</sub>tivo (VH)*, *descu<sub>u</sub>berta (RA)*, *de<sub>e</sub>strito (LO)*. The research of the *corpus* comprises 19 facsimile and/or diplomatic editions of documents from XIX and early XX century, which belong to *Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria*, *Casa de Memória Edmundo Cardoso*, *Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul*, *Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul* and *Projeto Português Histórico do Rio Grande do Sul*, coordinated by Dra. Evelyne Costa (UFSM). We considered whether it is possible to analyze the variation of the pretonic vowels as a neogrammatical rule and as a lexical diffusion, since the data present that there are signs for the rule of vocal harmony, as the presence of the high vowel in the following syllable, of the lowering vowel and raising of the pretonics without the presence of the high vowel in the adjacent syllable, the main trigger of the raising. As a proposal, it has been suggested a combined analysis of the theories in order to better understand the phenomena studied.

Keywords: linguistic changes. phonological processes. ancient texts. Rio Grande do Sul.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 A LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>15</b>
1.1 Texto escrito como fonte de pesquisa.....	15
1.2 Periodização da língua portuguesa.....	17
1.3 História da ortografia.....	20
1.4 A língua portuguesa em território brasileiro.....	24
<b>2 PROCESSOS FONOLÓGICOS: MUDANÇA NEOGRAMÁTICA E DIFUSÃO LEXICAL.....</b>	<b>27</b>
2.1 Vogais do português arcaico e do português contemporâneo.....	27
2.2 Processos fonológicos referentes às vogais pretônicas.....	33
2.2.1 Harmonia vocálica.....	33
2.2.2 Alçamento sem motivação aparente.....	35
2.2.3 Abaixamento vocálico.....	36
2.3 Variação das pretônicas no português arcaico.....	37
2.4 A Teoria Neogramática e a Difusão Lexical.....	42
2.5 Teoria da Variação.....	47
2.6 Pesquisas de natureza neogramática e difusionista.....	50
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>55</b>
3.1 Variáveis consideradas.....	56
3.2 A escolha do <i>corpus</i> de pesquisa.....	57
3.3 Crítica Textual.....	62
3.4 Sociolinguística Histórica.....	64
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>66</b>
4.1 Análise dos manuscritos: variáveis linguísticas.....	67
<b>4.1.1 Harmonia vocálica.....</b>	<b>67</b>
<b>4.1.2 Alçamento se motivação aparente.....</b>	<b>70</b>
<b>4.1.3 Abaixamento vocálico.....</b>	<b>73</b>
<b>4.1.4 Frequência dos itens lexicais.....</b>	<b>75</b>
4.2 Descrição dos documentos.....	83
4.3 Variáveis extralinguísticas.....	88
<b>4.3.1 Região geográfica.....</b>	<b>89</b>
<b>4.3.2 Ocupação.....</b>	<b>89</b>
<b>4.3.3 Origem.....</b>	<b>90</b>
<b>4.3.4 Sexo.....</b>	<b>91</b>
<b>4.3.5 Período.....</b>	<b>91</b>
4.4 Repensando as teorias.....	92
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>



## INTRODUÇÃO

Por muito tempo o foco das pesquisas linguísticas estava concentrado na Linguística Histórica. Com as ideias de Ferdinand de Saussure, no início do século XX, o interesse volta-se para a língua no seu estado atual (sincronia). Desde então, abordagens de caráter diacrônico perderam espaço. No entanto, atualmente, tem-se observado a importância desse tipo de estudo (ROSA, 2015). Mattos e Silva (1999, p. 148) conta que os estudos histórico-diacrônicos no Brasil “se orientam para o português brasileiro, não só aqueles que do presente olham o passado, mas também aqueles que do passado olham o presente e até mesmo aqueles que, fixando-se em uma sincronia passada, não ignoram, como referência, o presente”.

Monaretto (2005) ressalta que as línguas sofrem mudanças com o passar do tempo. Essas mudanças podem refletir diferentes maneiras de pronúncia e de escrita de palavras. Neste trabalho, empenhamo-nos em estudar e pesquisar formas em variação da língua e discutir sobre dois modelos teóricos que tentam explicar a variação e a mudança linguística.

Nesta pesquisa, não utilizamos dados de língua falada, mas dados de registros escritos antigos, que podem ser uma fonte valiosa de informações, uma vez que “algumas coisas escritas são também faladas” (OLIVEIRA, 2005, p. 4). Telles e Lose (2010) confirmam a importância do texto escrito, o qual serve como um documento dos fatos de língua, pois, até o século XX, os registros escritos eram o único instrumento linguístico que documentava a língua. Assim como Bisol (1983), partimos do pressuposto de que a variação gráfica em textos antigos pode ser um reflexo da fala.

O *corpus* da pesquisa compreende 19 manuscritos do século XIX e início do XX, como cartas, atas, recibos, em edições fac-similadas e diplomáticas, os quais foram escritos, em sua maioria, nas cidades de Santa Maria e Cachoeira do Sul. Os textos fazem parte dos acervos do *Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria*, da *Casa de Memória Edmundo Cardoso*, do *Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul* e do *Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*.

Esta pesquisa (coleta, transcrição, edição textual e pesquisa bibliográfica) tem sido desenvolvida e aprofundada desde minha graduação em Bacharelado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. Tornei-me bolsista de Iniciação Científica e ao lado de minha orientadora, professora Tatiana Keller, pude desenvolver pesquisas relacionadas a fenômenos fonológicos em textos antigos do Rio Grande do Sul, a partir do *Projeto Fenômenos Linguísticos em textos de português antigo do Rio Grande do Sul*.

Neste estudo, realizamos uma análise de fenômenos fonológicos referentes às vogais médias /e, o/ em posição pretônica, que podem ser realizadas como altas /i, u/, nas grafias das palavras feminino – fiminino, melhor – melhor, motivo – mutivo, e também de vogais altas /i, u/ que podem ser realizadas como médias altas /e, o/, na grafia de palavras como derijo – derijo, vizinho – vezinho.

No que diz respeito ao sistema vocálico do português, a variação das vogais pretônicas é uma peculiaridade do português proveniente do latim do século IV (BISOL, 1983). O alçamento das vogais pretônicas é uma herança do latim vulgar que está presente na língua portuguesa desde os séculos IX e XII (BISOL, 2015). Mattos e Silva (1991) conta que a harmonização das vogais aparece fixada na grafia do português desde o século XIII. O abaixamento também pode ser presenciado em documentos antigos do português brasileiro ao lado do alçamento das vogais. Sendo assim, sabemos que o alçamento e o abaixamento das vogais pretônicas são fenômenos muito antigos no português e estão registrados na escrita, o único meio possível de estudar as línguas no passado.

Os processos de mudança sonora podem ser fundamentados segundo perspectivas diversas, tais como os modelos Neogramático e de Difusão Lexical.

Para o estudo da implementação da mudança sonora, os neogramáticos, na segunda metade do século XIX, alicerçados no conceito da lei fonética, sustentaram os seguintes princípios que governam as leis (GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013, p. 156):

- 1) a mudança é regular, ou seja, ocorre sem exceções;
- 2) é foneticamente gradual, isto é, se implementa foneticamente de maneira gradual e imperceptível, e lexicalmente abrupta, isto é, afeta todas as palavras do léxico que apresentam o contexto de implementação da mudança;
- 3) ocorre em função de motivações fonéticas;
- 4) não admite exceção, e as aparentes exceções podem ser explicadas pela analogia e empréstimos linguísticos.

Na década de 70, os dialetologistas apresentaram uma nova concepção sobre a mudança sonora a partir de um estudo realizado com a língua chinesa (CHEN; WANG, 1975). O modelo chamado de Difusão Lexical contesta a hipótese neogramática e prevê que (OLIVEIRA, 2002, p. 605):

- 1) há exceções a mudanças sonoras que não podem ser explicadas por analogia;
- 2) nem todas as mudanças sonoras podem ser explicadas por condicionamento fonético;



- 3) as mudanças sonoras são vistas como lexicalmente graduais e foneticamente abruptas;
- 4) não descarta a regularidade, mas permite a existência de irregularidades.

Machry da Silva e Biasibetti (2017, p. 152) explicam que primeira perspectiva é centrada no som e a segunda é centrada na palavra, porque a mudança relativa ao som coloca em ação o papel do ambiente fonético-fonológico, enquanto que a mudança relacionada à palavra enfatiza o papel do léxico. Desse modo, na teoria neogramática, a mudança ocorre "a partir de um condicionamento estrutural interno ao sistema linguístico"; e na teoria de difusão lexical, "a mudança sonora se propaga gradativamente, atingindo palavras individuais ou grupos de palavras que possuem estrutura sonora semelhante" (MACHRY DA SILVA; BIASIBETTI, 2017, p. 154).

Refletimos, nesta Dissertação, se a variação das vogais médias em posição pretônica registrada em textos antigos pode ser explicada dentro dessas perspectivas teóricas, discutindo a complementariedade das teorias neogramática e de difusão lexical. Apoiamo-nos na Sociolinguística Variacionista, na análise de elementos estruturais e sociais dos dados, assim como na difusão lexical para buscarmos explicações na história da palavra.

Pretendemos ainda discutir se há evidências para a regra variável de harmonia vocálica, devido ao principal gatilho, a vogal alta na sílaba tônica, como também se há o alçamento sem a presença da vogal alta e o não alçamento, mesmo com contexto fonológico apropriado para a mudança.

No desenvolver deste estudo, refletiremos se a mudança sonora ocorre no som e/ou na palavra. Questionamos se os dois modelos podem explicar as variações e suas exceções, assim como as contribuições desses dois tipos de análise da mudança linguística.

Trataremos, no capítulo 1, **A língua portuguesa**, sobre sua periodização e ortografia, como também a importância do estudo de registros escritos antigos em pesquisas de variação e mudança linguística. Em seguida, no capítulo 2, **Processos fonológicos: mudança neogramática e difusão lexical**, dissertaremos sobre os processos fonológicos envolvidos nesta pesquisa, sobre as vogais do português arcaico e do português brasileiro. Discorreremos sobre as duas teorias de mudança linguística que envolvem este trabalho, a neogramática e a difusão lexical, assim como pesquisas de natureza neogramática e difusionista. No capítulo 3, **Metodologia**, apresentaremos a metodologia que utilizamos no desenvolver deste estudo e como se deu a escolha do *corpus* de pesquisa. No capítulo seguinte, 4, **Apresentação dos dados e análise**, analisaremos os manuscritos, primeiramente com uma análise dos

condicionadores internos dos fenômenos de harmônica vocálica, alçamento sem motivação aparente e abaixamento vocálico; em seguida, com uma análise nos moldes da difusão lexical, pela frequência de uso dos itens lexicais nos textos, como também pela busca por explicações das variações na etimologia da palavra e, por último, uma análise dos condicionadores externos que possam ter influenciado a variação das vogais médias pretônica nos textos escritos.

## 1 A LÍNGUA PORTUGUESA

Neste trabalho, analisamos a língua portuguesa escrita do século XIX e início do XX, momento da língua em que o português estava estabelecendo-se e transformando-se no Rio Grande do Sul.

Neste capítulo, discorreremos sobre a importância do texto escrito como fonte de pesquisas de caráter diacrônico. Em seguida, apresentaremos os diferentes estágios da língua, a fim de compreendermos melhor o desenvolvimento da língua portuguesa utilizada no Brasil.

### 1.1 Texto escrito como fonte de pesquisa

Monaretto (2005) aponta que alterações gráficas têm procedências diversas e são importantes para a escolha de dados significativos fonologicamente. É possível, por meio do texto antigo, observar a influência da língua oral sobre a escrita, devido à ausência de uma normatização ortográfica em séculos anteriores, a qual ocorreu primeiramente em 1911<sup>1</sup>, em Portugal.

A ortografia homogênea desenvolveu-se muito tardiamente, tanto em Portugal quanto no Brasil. Como relata Barbosa (2008, p. 195), O século XVIII vivia-se sob uma “pluriortografia: havia diferentes obras ortográficas predicando formas de escrever diferentes”. As palavras eram grafadas de várias maneiras e escrever “**curação**” ou “**coração**” não significava necessariamente que o redator fosse inculto ou iletrado. O que espelhava a escrita culta eram os registros escritos considerados de boa referência pelo redator. Então, sabendo disso, devido ao alto índice de variação grafofonética da época, isto é, de muitos textos redigidos em português de formas distintas, sem uma norma fixa, é realmente possível estudarmos fenômenos da fala que aconteciam há séculos e são corriqueiros na língua brasileira nos dias atuais.

Como confirma Myrian Barbosa da Silva (2012), registros que fogem às regras de ortografia denunciam “operações fonológicas estáveis” na língua.

---

<sup>1</sup> Nesse ano foi nomeada uma comissão que possibilitou a inserção de certas alterações no sistema da “*Ortografia Nacional*”, como a conservação do *h* inicial etimológico, substituição do *s* por *z* final etimológico dos vocábulos e nomes próprios, substituição do acento agudo pelo circunflexo nas vogais nasais, dentre outras modificações (LIMA, 2009).

A não observância das regras da ortografia oficial denuncia operações fonológicas estáveis, variações dialetais e mudanças em curso na língua, pela tendência que tem o falante de transcrever a sua própria pronúncia. Os “erros” ortográficos dos copistas medievais – ao lado da produção literária e de registros de gramáticos da época – têm-se constituído uma fonte preciosa para a formulação de hipóteses para a reconstituição dos segmentos fônicos em fases passadas do português e de explicação do português brasileiro (SILVA, 2012, p. 361).

Fonte (2010) corrobora essa afirmação com base em sua pesquisa a respeito do texto medieval em língua portuguesa:

sendo a documentação escrita que permanece, e sendo esta uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico, já que, não havendo então uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz. Do mesmo modo, se o que está escrito procura espelhar a voz e esta nos falta, pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo. Também a ausência de um controle gramatical normativo faz com que no texto medieval a variação seja constante, fato que também é indicador de usos da fala. (FONTE, 2010, p. 102).

Para Fonte (2017), “é certo que não se podem interpretar dados de escrita como uma representação fiel à fala, já que não cabe à escrita desempenhar o papel da transcrição fonética”. Entretanto, procuramos analisar registros escritos que revelassem características com diferentes traços de oralidade.

Precisamos ter em mente que os escritos que sobrevivem ao tempo e chegam às nossas mãos são, em geral, produtos de uma ação artificiosa de afastamento da expressão oral: escrever, no passado, muito mais do que hoje, foi sempre, em si, um ato cerimonioso. Assim, por exemplo, a distância de tratamento social entre pai e filho se traduzia, em muitas cartas pessoais na Colônia e no Império brasileiro, em um distanciamento nas formas pronominais de tratamento e no tom de formalidade muito maior do que em cartas entre colegas de tropa. (BARBOSA, 2008, p. 184).

Magalhães (2013) também cita que há barreiras a serem rompidas em investigações de ordens fonológicas no passado. As fontes devem ser confiáveis e bem documentadas; que as regularidades associadas por meio de fatores possam estabelecer comparações entre os fenômenos investigados e que a estrutura dos dados expresse “o fenômeno com o mínimo possível de intuições do investigador e com o máximo possível de expressão no fato em si” (MAGALHÃES, 2013, p. 37).

Barbosa (2008), explica a importância de o pesquisador reconhecer o que são usos cotidianos, do *círculo de falantes* e o que é tradição do texto, de uso dos redatores. O autor

ressalta que na produção de trabalhos histórico-linguísticos é necessário “conhecer e considerar” certas tradições linguísticas nos *corpora* de registros escritos.

Caso contrário, os padrões descritos em nível lexical, grafológico, morfossintático e discursivo não refletirão as linguagens erudita(s) e não erudita(s) de cada sincronia passada, mas sim tradições, por vezes, seculares ou até sob processos de mutação, mas mutações encerradas dentro de um círculo de redatores, e não nos círculos de falantes. (BARBOSA, 2008, 184).

Na investigação filológica, segundo Barbosa (2008, p. 195), em cada *corpus* estudado “viu-se a necessidade de, ao lado dos estudos linguísticos, serem realizados, quase que ao mesmo tempo, estudos que descrevam e considerem fórmulas, ritos, tradições discursivas e fatores externos desses materiais”.

A respeito do estudo que envolve os sons da língua em sincronias passadas, Cagliari (1994, p. 104) explica que “para se entender melhor o valor de dados de Linguística Histórica, [...] é preciso fazer antes um estudo sobre o sistema de escrita com o qual esses textos antigos foram grafados”. Cagliari (1994) afirma que a ortografia neutraliza a variação linguística. Por isso, o autor coloca em evidência, em seu estudo, a importância do pesquisador conhecer a escrita da época dos textos estudados.

Ademais, para o estudo da variação e mudança linguística, Oliveira (2005) questiona como extrair de registros escritos apenas dados que possam refletir fatos reais da língua falada e que sejam significativos para o estudo da mudança linguística. O linguista concluiu que é preferível que o pesquisador utilize dados escritos “(a) que se mostrarem quantitativamente significativos, e (b) decorrerem de uma teoria linguística [...] que tenha alcançado um nível explicativo e não apenas um nível observacional e descritivo” (OLIVEIRA, 2005, p. 173).

## 1.2 Periodização da Língua Portuguesa

Segundo Teyssier (2007), no século XIII surgiram os primeiros textos escritos em língua portuguesa. Nesse tempo, o português não se diferenciava do galego, praticado na província da Galícia, hoje Espanha. No noroeste da Península Ibérica, desenvolveu-se o galego-português derivado do latim, língua do Lácio, na Itália Antiga, em Roma. O galego-português formou-se na região do Mondego, ao norte de Douro, área nos dias de hoje

correspondente à Galícia e ao norte de Portugal. A língua portuguesa, portanto, evoluiu do galego-português do Norte e faz parte do grupo das línguas românicas ou neolatinas.

Bisol (2015) lembra que não há um consenso sobre o início da língua portuguesa, considera-se o século IX, como também o século XIII. Em seu estudo, por exemplo, a autora considera os cinco períodos:

a) fase inicial, b) fase medieval, c) fase clássica, d) fase crítica e) fase contemporânea, respectivamente, português inicial do séc. IX a XIII, português medieval do XIII ao XV, português clássico do XVI ao XVIII, período crítico, séc. XIX e português contemporâneo, sec. XX-XXI (BISOL, 2015, p. 187).

No Quadro 1<sup>2</sup>, estão algumas propostas de periodização da língua portuguesa segundo diferentes autores:

Quadro 1 – Periodização da língua portuguesa

Época	Leite de Vasconcelos	S. Silva Neto	Pilar Vázquez Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até ± 1200 (1214-16)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/1420	português arcaico	trovadoresco	gal.-português	port. antigo
até 1536/1550		port. comum	port. pré-cláss.	port. médio
até s. XVIII	português moderno	português moderno	port. clássico	port. clássico
até s. XIX/XX			port. moderno	port. moderno

Fonte: História da língua portuguesa.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/brevesum/quando.html>> Acesso em 27 out. 2018.

Além dos autores expostos no Quadro 1, Mattoso Câmara (1979, p. 19) separa a língua portuguesa em dois períodos apenas: o arcaico, que vai até o século XV, e o período moderno que vai até os dias de hoje. O porquê desta separação justifica-se em “duas fases com traços característicos de natureza fonológica, gramatical e lexical bem demarcados”, que podem ser verificadas na língua escrita, a qual retrata as características gerais da língua comum e sua evolução. O linguista explica que existem outras periodizações mais adequadas à língua literária, como o período clássico (século XVI e XVII) e o pós-clássico para os séculos posteriores. Em relação à língua falada ou à língua nacional geral, Mattoso Câmara (1979) diz que há diferenças gramaticais nítidas entre o século XVI e XVII e depois entre os séculos posteriores.

Em relação ao período arcaico (inicial), Williams (1975) informa que sua origem é marcada com os textos mais antigos em língua portuguesa no final século XII. O autor menciona que o português, no decorrer de quatro séculos, sofreu muitas modificações.

Isso se revela no aumento de sínopes encontrado em versos e na tendência para maior individualização vocabular. Pelo fim do XVI quase todas as características distintivas do português arcaico haviam desaparecido; a língua se tornara, no essencial, a mesma de hoje em dia. (WILLIAMS, 1975, p. 27).

Do século XII ao XIV, encontramos textos em galego-português e, do século XIV ao XVI, textos em um português similar à língua de hoje. Williams (1975) explica que no período arcaico era comum a confusão de grafias pelos escribas. Por isso, nesse estágio da língua portuguesa surgiram novos sons inexistentes no latim e “para os quais não se desenvolvera uma tradição representativa, foram obrigados a adaptar velhas grafias ou a inventar novas” (WILLIAMS, 1975, p. 33). O autor dá o exemplo de *g* e *gu*, de *gisa* e *guisa*, que representam o mesmo som, enquanto que em *gisa* e *fugo* dois sons distintos são representados pela mesma letra.

O português moderno, considerada a última fase, a língua portuguesa já se apresentava como a atual. Nessa fase acontece a gramatização da língua com as gramáticas, dicionários e a literatura. Para Castro (1991) o início da reflexão metalinguística e o desenvolvimento de gramáticas, como a de Fernão de Oliveira (1536), marcam o início da fase clássica da língua portuguesa. Textos do século XIV e XV marcam essa era de transição da língua portuguesa, da era medieval para “uma plataforma estável e –clássica–” (CASTRO, 1991, p. 243).

Nos manuscritos pertinentes a este estudo, sobretudo os administrativos e oficiais, fica evidente o uso exacerbado de etimologizações, consoantes geminadas, encontros consonantais

impróprios, que correspondem ao português de Portugal. A variação linguística, presente na fala, pode ser observada desde os primeiros estágios da língua, também registrada na escrita de textos antigos devido à falta de normatização da ortografia, no século XIX, no Brasil.

Por ser de importância a esta pesquisa textos datados do século XX, discorreremos a história da ortografia até esse período.

### 1.3 História da ortografia

A respeito da ortografia portuguesa, Williams (1975, p.33) a divide em três períodos: (a) o período fonético, que coincide com o período do português arcaico; (b) o período etimológico, que se estende do Renascimento até o século XX; c) e o período reformado, que principia com a adoção pelo governo português da nova ortografia, em 1916.

Coutinho (1969) também apresenta três períodos da ortografia portuguesa: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado. O fonético, período correspondente à Idade Média, a preocupação do redator consistia em facilitar a leitura e escrever da forma mais parecida com a fala. Neste período, que se estende até o século XVI, aparecem os primeiros textos grafados em língua portuguesa.

Pita (2001, p. 65) expõe que, para Coutinho, “as variações regionais de pronúncia concorriam para a variedade de formas gráficas existentes”. A ortografia instável deste período não era apenas resultado de “mera transcrição fonética”, mas sim “resultado da conjugação de interesses políticos de marcar posição de autonomia, aliado ao interesse da classe eclesiástica ilustrada em privilegiar o latim” (PITA, 2001, p. 66).

No período arcaico, as palavras não tinham uma ortografia definida, como consequência disso a variação gráfica é elevada. Cagliari (1994, p. 104) diz que os escritores do período arcaico tiveram a missão de construir uma ortografia para o português; decidir “a melhor grafia, a mais neutra e a mais aceitável para o leitor e para os outros escritores”. O período arcaico, que vai do século XII ao XIV, segundo Cagliari (1994), foi um período de caos ortográfico. Apenas com a epopeia portuguesa, *Os Lusíadas*, no século XVI, é que novas tradições ortográficas começaram a se desenvolver devido à importância desta obra para a língua portuguesa. Foi também no século XVI, com Fernão de Oliveira, João de Barros, dentre outros, que as primeiras gramáticas começaram a ser elaboradas, organizando disciplinadamente a língua portuguesa, segundo Mattoso Câmara (1979).



O período pseudoetimológico vai do século XVI ao ano de 1904, momento em que surge a *Ortografia Nacional*, de Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna (COUTINHO, 1969). Nesse período, a ortografia surge como demarcação de classes. O século XVI é um momento crucial e divisor de águas devido a mudanças que ocorreram em todos os idiomas europeus. Pita (2001, p. 67) conta que os gramáticos e redatores tinham o interesse em “pautar-se pelos modelos greco-latinos, tal interesse não se fazia sentir unicamente por razões linguísticas, mas também por uma série de conveniências ligadas a uma ideia de preservação de identidade de classe”. Isso deu-se devido à produção cultural renascentista, que era patrocinada pela nobreza.

No período etimológico ou pseudoetimológico, como expõe Williams (1975), os escritores e gramáticos eram a favor das grafias latinas e gregas nos vocábulos portugueses como uma forma de erudição. Desse modo, é muito comum, em manuscritos desse período, encontrarmos consoantes duplas, encontros consonantais impróprios advindos do latim e do grego (*pt, mn, ct, cth, gn, gm*), falsas regressões ortográficas (*th, ph, y*) e troca de *s* final por *z* (*mez, portuquez*) (WILLIAMS, 1975, p. 40).

Lima (2009) esclarece que no século XIX as etimologizações gráficas atingiram seu clímax. Neste século, os redatores hábeis abusam da grafia etimológica em sua escrita, a qual representava o nível de erudição do redator.

A grafia etimológica faz parte do repertório dos produtores hábeis do século XIX que lançam mão desse recurso como expediente necessário para a construção de sua imagem de participante de uma extensão cultural. Ser um redator erudito não era simplesmente ter o domínio da etimologização, mas ser um conhecedor de diversas culturas, sobretudo, a cultura clássica, reservada a uma elite muito restrita da sociedade oitocentista. Uma maneira de expressar essa erudição é através da grafia etimológica. A grafia etimológica é um produto histórico (LIMA, 2009, p. 63).

O autor relembra que a etimologização acontecia desde o Renascimento com a valorização da cultura clássica, porém, a acessibilidade aos registros escritos e o desenvolvimento da imprensa “fizeram com que certos valores políticos e ideológicos procurassem revalorizar a cultura clássica” (LIMA, 2009, p. 64). Além do mais, o uso exacerbado da grafia etimológica colocou em evidência as diferenças das camadas sociais, ela separou letrados e iletrados, eruditos e o restante da população. “Uma visível manifestação epilinguística foi a grafia etimológica, que procurava destacar dentre os escreventes da época uma elite portadora de um prestígio em sua sociedade” (LIMA, 2009, p. 64).

Ilari e Basso (2009) caracterizam o período “pseudoetimológico” de 1572 até 1911. O linguista conta que nesse período tinha-se a preocupação de representar, na escrita, a origem das palavras, por isso “pseudoetimológico”. Contudo, como essa preocupação estava fundamentada em uma instrução gramatical precária do latim e do grego, ocorreu o uso desnecessário de consoantes geminadas e duplicadas intervocálicas, por exemplo.

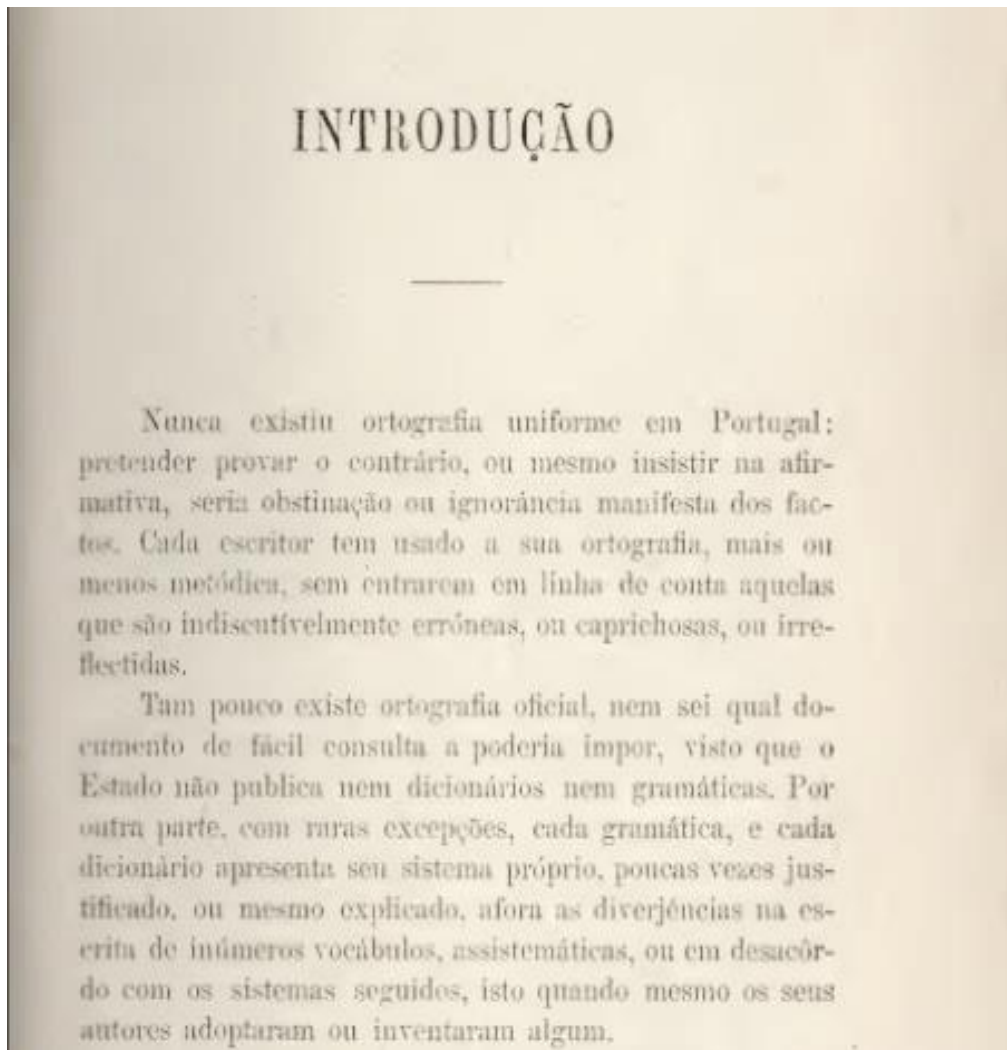
O período simplificado tem início com a publicação da *Ortografia Nacional: Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*, em 1904, e segue até os dias de hoje (COUTINHO, 1969). A *Ortografia* de Vianna, foi oficializada por Portugal apenas em 1911, sendo esta obra o marco do início das tentativas de simplificação da ortografia da língua portuguesa.

Gonçalves Vianna era um conhecedor da filologia, dialetologia, fonética e história da língua portuguesa, que, conforme Gonçalves:

Ao longo de 449 páginas, Viana desconstrói os argumentos habitualmente aduzidos tanto pelos partidários da chamada ortografia etimológica como pelos defensores de uma reforma fonética, demonstrando que nem uma nem outra permitiam chegar a uma ortografia, quer dizer, a um sistema uniforme, baseado na variedade padrão, à qual Viana chamava “padrão médio” ou “dialecto comum” (GONÇALVES, 2010, p. 7).

Na Figura 1, ao lermos os dois primeiros parágrafos da *Ortografia Nacional*, fica evidente a mensagem de Gonçalves Vianna: a necessidade de simplificação ortográfica da língua portuguesa.

Figura 1 – *Ortografia Nacional*, de Gonçalves Vianna



Fonte: Disponível em: <<https://archive.org/stream/ortografianacion00gonuoft#page/n7/mode/2up>>  
Acesso em: 19 fev. 2018.

Segundo Ribeiro (1997, p. 101) a *Ortografia Nacional* propunha:

- a) Excluir os símbolos de etimologia grega (**th, ph, ch, rh, y**);
- b) Extinguir as consoantes duplas, exceto **rr** e **ss**;
- c) Eliminar as consoantes mudas (ex.: **sancto**);
- d) Regularizar a acentuação gráfica.

No Brasil, a tentativa de reformulação ortográfica ocorreu, em 1907, através de Medeiros de Albuquerque, com o apoio da Academia Brasileira de Letras. Formou-se assim

uma ortografia do português brasileiro que se diferenciava da ortografia de Portugal em alguns aspectos, como os seguintes, de acordo com Ribeiro (1997, p. 102):

- a) Não prescrevia o uso de acentos;
- b) O **g** medial era trocado por **j**; o **s** intervocálico era trocado por **z**;
- c) **S** e **z** finais não eram distinguidos, segundo a etimologia;
- d) O ditongo **ão** era grafado com **am** quando átono e em posição final, assim como a vogal nasal **ã**;
- e) Os pronomes pessoais de terceira pessoa (**elle** e **ella**) e os demonstrativos (**aquillo**, **aquelle**, etc) mantiveram a grafia tradicional.

João Ribeiro redigiu outra regulamentação em 1912. Em 1915, com os esforços de Silva Ramos, a Academia Brasileira de Letras adotou a ortografia oficial de Portugal, em 1911, pois foi criada uma comissão para o estudo das bases da reforma ortográfica. Entretanto, em 1919, todas as regras foram eliminadas, devido às ideias de Osório Duque Estrada (CAMPOS; ANDRADE, 2012).

#### 1.4 A língua portuguesa em território brasileiro

A língua portuguesa é língua oficial do Brasil, usada ao lado de muitas línguas faladas nesse Estado, como as indígenas e a de imigrantes. Ela começou a ser usada no território brasileiro no início da colonização, datada de 1532, com a distribuição de quinze capitanias hereditárias pelo país (ILARI, 1999). Começa assim um movimento de exploração e colonização no território brasileiro, com a presença de índios, negros e mestiços falantes de outras línguas (ILARI; BASSO, 2009).

Guimarães (2005, p. 24-25) cita quatro períodos distintos da língua portuguesa em solo brasileiro e sua relação com as demais línguas faladas no Brasil. O primeiro período inicia com a colonização até a saída dos holandeses do Brasil, em 1604. “Neste período o português convive, no território que é hoje o Brasil, com as línguas indígenas, com as línguas gerais e com o holandês”.

O segundo momento tem início com a saída dos holandeses até a chegada da família real, em 1808, no Rio de Janeiro. “A saída dos holandeses muda o quadro de relações entre línguas no Brasil [...] o português não tem mais a concorrência de uma outra língua de Estado”. Assim, a língua portuguesa relaciona-se com as línguas indígenas, as línguas gerais e

as africanas. Neste período, ocorre a proibição da língua geral nas escolas, estabelecida pelo império português, como também, em 1757, é imposto o Diretório dos Índios, por Marquês de Pombal, cuja proibição da língua geral, na colônia, levou ao seu declínio. Esta lei faz com que a língua portuguesa se torne a mais falada no território brasileiro, mesmo que por uma minoria da população.

O próximo período inicia-se com a chegada da família real, em 1808, decorrente da guerra com a França, e termina com a independência. “Poderíamos utilizar, como data final desse período, 1826, pois é nesse ano que se formula a questão da língua nacional do Brasil no parlamento brasileiro” (GUIMARÃES, 2005, p. 24).

O quarto período inicia-se em 1826. “Nesse ano o deputado José Clemente propôs que os diplomas dos médicos [...] fossem redigidos em “linguagem brasileira” (GUIMARÃES, 2005, p. 25). Em 1927, iniciam-se discussões acerca da importância do uso da gramática da língua nacional no ensino da leitura e escrita nas escolas. Guimarães (2005) explica que, neste período, inicia-se o movimento de transformar a língua do colonizador em língua da nação brasileira, pois o português já era língua oficial<sup>3</sup> do Estado.

Ilari e Basso (2009) contam que a sociedade brasileira passou por muitas transformações nos séculos XIX e XX, como o grande crescimento demográfico, urbanização (grades metrópoles) e ocupação no interior brasileiro. Nesses séculos, o país tornou-se independente e passou por dois regimes políticos, a monarquia e a república (Estado Novo, ditadura e golpe militar nos séculos XX). Como consequência do processo de urbanização, a língua portuguesa de influência lusitana predominou no escrito.

Em relação às diferentes línguas faladas no território brasileiro, Ilari e Basso (2009) relatam que elas não ocuparam o mesmo espaço; a língua geral de base indígena predominava nos ambientes domésticos e na educação jesuítica,

[...] nos espaços públicos ela compete com o ‘português brasileiro em formação’; nos poucos espaços que, além de públicos e também oficiais, e contam com a presença de portugueses natos ou de brasileiros escolarizados, é que prevaleceu o português tal como era falado pelos europeus (ILARI; BASSO, 2009, p. 77).

O “português falado em formação” diz respeito àquela língua marcada pela interferência das línguas indígenas e africanas tanto no vocabulário, na fonética e na sintaxe, explicam Ilari e Basso (2009). Outra variedade da língua portuguesa praticada em contextos

---

<sup>3</sup> A língua oficial está intimamente ligada às normas do bem falar e escrever do Estado. O português possui instrumentos próprios de organização do espaço de enunciação, como a Escola, a gramática, o dicionário e a mídia (GUIMARÃES, 2003).

oficiais e administrativos, falada por uma parcela pequena da população era sustentada por influências do português europeu. Os linguistas dizem que tudo leva a crer que, no século XIX, boa parte da população falava as línguas indígenas e provavelmente um português muito influenciado pelas línguas indígenas e africanas. Já no século seguinte, “as línguas indígenas e o ‘PB em formação’ foram suplantados por uma língua portuguesa normatizada segundo o modelo europeu” (ILARI; BASSO, 2009, p. 52).

## 2 PROCESSOS FONOLÓGICOS: MUDANÇA NEOGRAMÁTICA E DIFUSÃO LEXICAL

Neste capítulo abordamos as vogais do português arcaico e do português brasileiro, bem como estudos sobre as vogais pretônicas no português arcaico e atual. Ademais, tratamos dos processos fonológicos que envolvem esta pesquisa e de duas teorias distintas de mudança linguística, a neogramática e a difusão lexical.

### 2.1 Vogais do português arcaico e do português contemporâneo

Em relação às vogais do latim clássico, Fonte (2010) esclarece que o sistema vocálico era constituído por dez vogais, sendo cinco breves e cinco longas, as quais eram sobrepostas com os diacríticos *braquia* (  $\sim$  ) e *macron* (  $\bar{\quad}$  ), respectivamente. Essas dez vogais eram representadas por cinco grafemas vocálicos: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Assim, a duração das vogais tinha um valor distintivo e opositivo. A palavra **mālum**, por exemplo, com a vogal longa significava “maçã”, enquanto que **mălum**, com vogal breve, “mal”.

Na transição do latim clássico para o português, conforme exprime Fonte (2010), houve mudanças consideráveis no sistema vocálico. Uma delas foi a perda da quantidade das vogais, ou seja, da duração vocálica que correspondia ao valor distintivo; e outra mudança deu-se em relação à ocorrência do acento<sup>4</sup> sobre as vogais, ou da “particular força expiatória (intensidade)” que determinou que elas passassem a ser diferenciadas conforme a tonicidade (CÂMARA JR., 1979, p. 390). Esta mudança estabeleceu as três posições para as vogais (tônicas, pretônicas e átonas finais), pois, anteriormente, o sistema era o mesmo em todas as posições (FONTE, 2010).

Castro (1991) revela que as diferenças de timbre e quantidade podem ter coexistido durante várias gerações desencadeando mudanças:

Durante esse período, mudanças importantes estavam igualmente em curso no que respeita ao acento. Embora não haja unanimidade de opiniões a esse respeito, o acento latino era provavelmente, no início, um acento melódico, baseado na diferença de altura entre a vogal acentuada (mais aguda) e as vogais não acentuadas (mais graves). [...] Mas este acento melódico, baseado na frequência, cedeu lugar a

---

<sup>4</sup> “Como se sabe, a posição do acento de palavra era determinada em latim culto pela quantidade da penúltima sílaba: as palavras do latim clássico são paroxítonas quando a penúltima sílaba é longa e proparoxítonas quando a penúltima sílaba é breve” (ILARI, 1999, p. 74).

um acento baseado na energia expiatória, ou seja, um acento de intensidade (CASTRO, 1991, p. 115-116).

Como relatou Fonte (2010), as vogais sofreram perda das oposições de quantidade na passagem do latim clássico para o latim imperial. Ilari (1999) explica que as diferenças entre as palavras, até o momento da separação do latim literário e do latim vulgar, eram exclusivamente de duração: “[...] as vogais tônicas de *populum* - choupo e *populum* - povo eram exatamente iguais quanto a timbre, ponto de articulação, altura, arredondamento etc” (ILARI, 1999, p. 72).

Podemos observar a evolução do vocalismo tônico do latim clássico para o latim imperial por meio dos próximos quadros apresentados por Teyssier (2007, p.10):

#### Quadro 2 – As vogais do português arcaico

<i>Latim clássico</i>	<i>Latim Imperial</i>	<i>Exemplos</i>	
ī	i	fīcum	> port. figo
ĩ	ɛ	sĩtim	> port. sede
ē	ɛ	rēte	> port. rede
ě	ɛ	těrra	> port. terra
ǎ	a	lǎtus	> port. lado
ā	ɔ	amātum	> port. amado
ō	ɔ	pōrta	> port. porta
ō	ɔ	amōrem	> port. amor
ũ	ɔ	bũcca	> port. boca
ū	u	pūrum	> port. puro

Fonte: (TEYSSIER, 2007, p.10).

Na Quadro 2, podemos observar os cinco timbres vocálicos do latim clássico, sendo uma breve e uma longa para cada timbre, ao todo dez fonemas. Estes resultaram em 7 fonemas na posição tónica no latim imperial.



Quadro 3 - Os ditongos *æ* e *oe* do latim clássico

<i>Latim clássico</i>	<i>Latim Imperial</i>	<i>Exemplos</i>
æ	ɛ	cæcum > port. cego
œ	ɛ	fœdum > port. feo, hoje feio <sup>2</sup>

Fonte: (TEYSSIER, 2007, p. 11).

Já no Quadro 3, observamos a passagem dos ditongos *æ* e *oe* do latim clássico para o latim imperial, que resultou em “vogais simples de timbres distintos” (TEYSSIER, 2017, p. 11). Enfim, as dez vogais e os dois ditongos do latim clássico cederam lugar às sete vogais no latim imperial, como se vê na Figura 1:

Figura 1 - As vogais do latim imperial

/i/	/u/
/ɛ/	/o/
/e/	/o/
/a/	

Fonte: (HRICSINA, 2013, p. 207).

Hricsina (2013) explica que as vogais passaram a ser pronunciadas de maneira aberta ou fechada e a regra principal era esta:

as vogais tónicas breves abriram-se e as tónicas longas fecharam-se (exceto a vogal A). Esta transformação levou alguns séculos. Os especialistas em questão afirmam que a mudança se processou no período entre o século II e o século VI. (HRICSINA, 2013, p. 207)

Em relação às vogais pretônicas, no português, de dez vogais do latim, as pretônicas diminuíram para cinco (a, e, i, o, u). Fonte (2010) demonstra a origem histórica das vogais pretônicas com os seguintes exemplos: **ǎgustu > agosto; nārice > nariz; fēroce > feroz; dēbere > dever; ciconea > cegonha; dīcere > dizer; cōcina > cozinha; plōrare > chorar; sūperare > sobrar; crūdele > cruel.** Conforme a autora, do latim clássico, as vogais médias longas e as médias breves deram origem, no português arcaico, às vogais médias fechadas (/e, o/) em posição pretônica.

Se compararmos os esquemas de substituição das vogais do latim pelas vogais tônicas e pretônicas do PA, veremos que só não há correspondência entre os dois esquemas (para as tônicas e para as pretônicas) exatamente na substituição das vogais médias breves [...] do latim clássico, que originaram, no PA, as vogais médias abertas [...], entre as vogais tônicas, e as vogais médias fechadas (/e, o/), entre as vogais pretônicas, cujo sistema, no PA, de acordo com os estudos mencionados, não conhecia a oposição entre vogais médias abertas e fechadas. (FONTE, 2010, p. 86).

No português arcaico, as vogais médias na posição pretônica já não apresentavam oposição de timbre, “ou seja, não ocorre a distinção fonológica entre e aberto (/ɛ/) e e fechado (/e/), assim como entre o aberto (/ɔ/) e o fechado (/o/), diferentemente do que acontece entre as vogais médias em posição tônica” (FONTE, 2010, p. 85).

As mudanças que ocorreram com o desenvolvimento do acento de intensidade trouxeram algumas modificações na posição átona, como a redução de vogais. Ilari (1999, p.75) demonstra a perda da distinção fonêmica entre os vários timbres de e e o com os exemplos expostos na Figura 4:

Figura 2 – Perda da distinção fonêmica dos timbres de e e o

<i>e</i> breve			<i>terrenu</i>	>	port. <i>terreno</i>
<i>e</i> longo	/E/	cp.	<i>securus</i>	>	port. <i>seguro</i>
<i>i</i> breve			<i>plicare</i>	>	port. <i>ehegar</i>
<i>o</i> breve			<i>operare</i>	>	port. <i>obrar</i>
<i>o</i> longo	/O/	cp.	<i>coperare</i>	>	port. <i>costrar</i>
<i>u</i> breve			<i>lucrare</i>	>	port. <i>lograr</i>

Fonte: (ILARI, 1979, p. 75).

Ilari (1999) comenta que em posição átona, pretônica ou postônica, as vogais também tenderam a cair nas línguas românicas. O autor dá o exemplo de *speculum non speelum* registrado no *Appendix Probi*<sup>5</sup>, em que “permite inferir que a forma corrente (e errada segundo Probo) era *speelum*, precisamente aquela que se exige para chegar “regularmente” ao port., *espelho*, esp. *espejo*, it. *specchio* etc” (ILARI, 1999, p. 75).

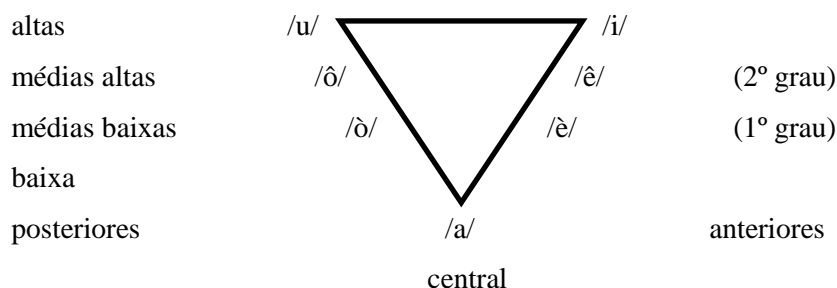
### 2.1.1 O sistema vocálico do português brasileiro

A respeito do sistema vocálico, Mattoso Câmara (1979, p. 39) exprime que há sete timbres vocálicos na língua oral, mas apenas cinco grafemas para representá-los na língua escrita. Para distinção desses fonemas, Mattoso Câmara leva em consideração o ponto de articulação (anterior, central, posterior), o traço de arredondamento labial (arredondadas, não-arredondadas) e o abrimento bucal (altas, médias altas, médias baixas e baixas).

Segundo o autor, a classificação das vogais, como fonemas, deve partir da posição tônica, que compreende 7 fonemas, em que há alternâncias entre as vogais médias altas (2º grau), /ê/ e /ê/⁶ e médias baixas (1º grau) /è/ e /ò/, como, por exemplo, em palavras como *forma* (ô) e *forma* (ò); exceto quando há consoante nasal na sílaba seguinte, a qual extingue as vogais médias de 1º grau ou baixas “e torna a vogal baixa central [a] levemente posterior, em vez de anterior, o que auditivamente lhe imprime um som abafado” (CÂMARA JR., 1979, p.42).

Segundo Câmara Jr. as vogais em posição tônica são 7:

Figura 3: As vogais do português brasileiro



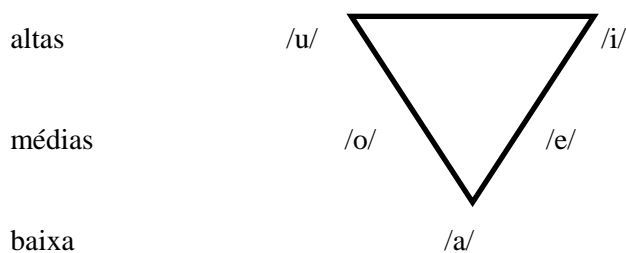
Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1979, p. 41)

<sup>5</sup> Ver em 2.3 A variação das vogais no português arcaico.

<sup>6</sup> Nesta subseção sobre o sistema vocálico, com base em Mattoso Câmara, manteremos a notação original do autor, mas ao longo do trabalho usaremos a notação do Alfabeto Fonético Internacional.

Podemos perceber, contudo, na Figura 4, que na posição pretônica, a diferença entre as médias baixas e altas desaparecem, restando apenas 5 vogais. A neutralização das vogais em posição pretônica acontece assim: /è/, /ê/ passam a /ê/ (fechado) e o /ò/, /ô/ passam a /ô/ (fechado)<sup>7</sup>. Mattoso Câmara dá como exemplo dessa neutralização o adjetivo *formoso*, derivado de *forma* com /ò/ tônico, em que se tem /for/ devido à posição pretônica da sílaba. Pesquisas comprovam que, no Norte do Brasil, prioriza-se a realização das médias baixas /ɛ/ e /ɔ/, enquanto que nos dialetos do Sul prevalece a realização das médias altas /e/ e /o/.

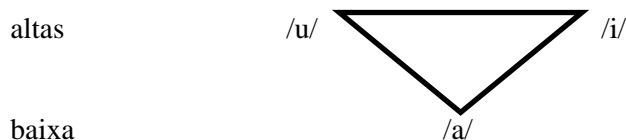
Figura 4: As vogais pretônicas do português brasileiro



Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1979, p. 44)

Em relação às vogais postônicas finais átonas, verifica-se um processo de neutralização, muito comum na fala, em que há redução do número de fonemas, as vogais médias passam a altas, restando apenas 3 fonemas. Podemos perceber que as diferenças entre médias e altas desaparecem, como se observa na Figura 5, a seguir. Como exemplo, o autor cita uma rima como *Vênus* que rima com *serenos*, o que mostra que a distinção entre **o** e **u** final, na escrita, é apenas convencional.

Figura 5: As vogais do português brasileiro



Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1979, p. 44)

<sup>7</sup> Neste caso, Câmara Jr. refere-se ao português falado no sul-sudeste do Brasil.

## 2.2 Processos fonológicos referentes às vogais pretônicas

Nesta seção, nos deteremos em processos relacionados ao alçamento das vogais médias pretônicas, como harmonia vocálica e alçamento sem motivação. A seguir apresentaremos conceitos a respeito desses fenômenos fonológicos de acordo com vários teóricos.

### 2.2.1 Harmonia vocálica

O processo de harmonia vocálica, doravante HV, manifesta-se em muitas variedades do português brasileiro em sílaba pretônica. A HV pode ser de ordem total (menino > minino) ou parcial (alegria > alegria), o primeiro caso comum no Sul e Sudeste, enquanto o segundo caso frequente no Norte e Nordeste do país. “Não sendo uma regra de aplicação categórica, a maioria dos estudos apoia-se no modelo laboviano, oferecendo uma descrição minuciosa da regra” (BISOL, 2013, p. 50).

A respeito da HV, Bisol (2013) apresenta as seguintes considerações sobre a sonoridade e a adjacência das vogais: a diferença de graus entre a **sonoridade** das vogais (vogal média, o alvo, vogal alta, o gatilho) deve ser de apenas um grau de diferença e a convenção de **adjacência** exige que o alvo e o gatilho estejam em sílabas sucessivas. Bisol (2013, p. 50) dá o exemplo de peregrino ~ perigrino ~ pirigrino, mas não piregrino.

Bisol (2015) ao tratar desses processos explica que:

A harmonia faz parte natural do sistema do PB, com estatuto de regra de uso moderado, enquanto ASM, que vem tomando a feição de regra menor, tende a privilegiar grupos de palavras, sobretudo verbos a exemplo de comer ~ *cumer*, *cumesse* e poder ~ *puder*, *pudemos*, *pudesse* (BISOL. 2015, p. 200).

Bençal e Altino (2015) investigam o alteamento das vogais pretônicas e explicam que a harmonização é um processo assimilatório de timbre vocálico. Entretanto, a harmonia vocálica difere-se do alçamento:

O alçamento, também chamado de alteamento, é um processo de redução ou neutralização vocálica comum no PB, que alterna o traço [-alto] para [+alto] nas vogais médias altas em direção às altas que pode acontecer em posição pretônica, postônica não final ou postônica final, como em *pr[e]sidente* ~ *pr[i]sidente*, *pér[o]la* ~ *pér[u]la*, *dente[e]* ~ *dente[I]*, respectivamente, e pode ser

influenciado pela presença de consoantes adjacentes (BENÇAL; ALTINO, 2015, p. 76).

Bisol (1981, p. 259) explica que “a harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto”.

O processo de HV, também chamado de *alteamento* ou *elevação com motivação aparente*, cuja motivação corresponde à vogal alta na posição tônica, ocorre uma assimilação que permite que as vogais se tornem mais semelhantes entre si (SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015). Assim:

A harmonia vocálica é um processo que consiste em a vogal pré-tônica assimilar um ou mais traços da vogal da sílaba imediatamente seguinte, [isto é], a vogal tônica tem traço [+alto], logo, a vogal pré-tônica também assumirá o traço [+alto], como, por exemplo, em v[i]stido, m[i]nino e c[u]ruja. [Nesse processo], uma vogal não acentuada assume o mesmo valor do traço da vogal acentuada que a segue, geralmente o traço [+alto] (SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 154).

Machry da Silva e Biasibetti (2017) elucidam que os fenômenos de harmonia vocálica e alçamento sem motivação são processos fonológicos formalmente diferentes. O primeiro é entendido como um caso de assimilação e o segundo como um caso de neutralização entre as vogais. Desse modo, o alçamento sem motivação:

representa um caso de neutralização entre as vogais médias altas e as vogais altas, ainda não categórico, cujo modo de implementação sugere um processo de cunho lexical, haja vista a ausência de um gatilho fonético explícito para a ocorrência do alçamento. [...] Atinge somente determinados itens lexicais, com maior propensão a atuar sobre paradigmas específicos (piqueno, piquena). [...] Apresenta baixo índice de aplicação e, quando ocorre, tende a afetar somente determinados itens lexicais (MACHRY DA SILVA; BIASIBETTI, 2017, p. 153).

Schwindt e Collischonn (2004), em um estudo sobre a aplicação da harmonia vocálica no sistema verbal, levantam questionamentos acerca de como ocorre essa variação, levando em consideração a teoria neogramática e a difusionista abordadas por Labov (1981). Este linguista aborda a controvérsia entre esses dois modelos, o modelo dos neogramáticos, em que a mudança sonora é condicionada por fatores fonéticos e não gramaticais, e o modelo difusionista, o qual é baseado nas descobertas da dialetologia de que as mudanças sonoras ocorrem palavra por palavras.

Os estudiosos chegam à conclusão de que, no sistema verbal, a aplicação de regra variável é condicionada por certos morfemas e por classes de palavras. Tal resultado deu-se pela análise da pretônica /e/ em contexto homorgânico. Para esses estudiosos a elevação de /e/ é desencadeada principalmente pela vogal alta seguinte, enquanto que a vogal /o/ depende de diversos fatores (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2004).

### 2.2.2 Alçamento sem motivação aparente

O processo de alçamento sem motivação aparente também corresponde à troca de altura das vogais médias por altas, porém sem um contexto favorecedor, ou seja, uma vogal alta na sílaba seguinte. As palavras que enquadrámos neste processo apresentam o alteamento das vogais médias altas /e/ e /o/ para as altas /i/ e /u/. Essa grafia ocorre em itens esporádicos do léxico do português arcaico, a qual “não se pode aplicar uma regra de condicionamento fonético”, como ressalta Mattos e Silva (1991, p. 61).

Carneiro e Magalhães (2008) explicam que o processo de alçamento sem motivação aparente pode atingir:

[...] as variações do timbre da vogal pretônica, contextualizando-se pelas consoantes circunvizinhas ao invés da sua aplicação pela vogal subsequente, o que pode ser exemplificado nos vocábulos m/o/leque e m/u/leque, b/o/cejar e b/u/cejar, m/e/lhor e m/i/lhor e c/o/légio e c/u/légio (CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008, p. 4).

Esses casos de elevação não são caracterizados como harmonia, porque não há um contexto fonético evidente para a elevação da vogal. Os casos de alçamento sem motivação fazem-nos refletir sobre o enquadramento desse fenômeno no modelo neogramático em que uma regra deve ser aplicada quando há contexto fonético favorecedor.

Machry da Silva e Biasibetti (2017) realizaram um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente na variedade falada na região metropolitana de Porto Alegre. As pesquisadoras dissertam sobre o papel do léxico no alçamento sem motivação aparente das vogais médias em posição pretônica e apresentam duas perspectivas a respeito dos processos de mudança sonora, os quais podem ser centrados no som e/ou na palavra, diferenciando os modelos de difusão lexical e o neogramático.

As autoras expõem sua proposta sobre a aplicação do alçamento da seguinte maneira:

[...] a hipótese que se propõe é de que o alçamento inicia em algumas palavras isoladas e gradualmente se espalha para outras palavras assemelhadas. O fator que determina quais itens lexicais são primeiramente atingidos pelo AL e a forma como o processo se propaga pode estar relacionado tanto com a frequência de palavra quanto com a frequência de paradigmas (MACHRY DA SILVA; BIASIBETTI, 2017, p. 162).

Devido à taxa de aplicação do alçamento sem motivação em relação à soma dos dados selecionados nas cinco amostras consideradas na pesquisa, as autoras relatam que o processo atinge mais a vogal /o/ do que a vogal /e/, e que apresenta baixa aplicação. Elas constatarem que o processo não parece ser atuante apenas pelo contexto fonético favorável, mas também quando há implementação pelo léxico, pois apenas determinados itens lexicais específicos (paradigmas) são atingidos e não palavras isoladas.

### 2.2.3 Abaixamento vocálico

O abaixamento, de acordo com Rezende (2013, p.16), é caracterizado “pela mudança de altura das vogais médias, que passam de [-baixo] para [+baixo] na sílaba pretônica”. Essa assimilação vocálica ocorre com o abaixamento das vogais altas /i/ e /u/ para as médias altas /e/ e /o/, como também o abaixamento das médias altas para as médias baixas, como ocorre no norte e nordeste do país.

Amaral (1996) verifica que o abaixamento vocálico na fala da região da Campanha Gaúcha é caracterizado como regra variável. Baseado em estudos sobre a variação das vogais pretônicas, o autor formulou as seguintes hipóteses para o estudo do fenômeno de abaixamento vocálico:

(a) o abaixamento das vogais pretônicas apresenta indícios de mudança em curso ou de variação estagnada; (b) o abaixamento é uma regra variável, cujo uso quantitativo está diretamente relacionado – ou não – à presença de condicionadores linguísticos; (c) a aplicação da regra é favorecida – ou não – por fatores extralinguísticos. (AMARAL, 1996, p. 20).

O autor constata que a variação entre /i/ e /e/ e entre /u/ e /o/ é um fenômeno fonológico motivado por uma combinação de contextos que propiciam a variação. O autor lista os seguintes resultados:

- A alternância i ~ e e u ~ o provocada por harmonização vocálica é do tipo regressivo, ocorre quando há a presença de vogal com grau [+ab2] na sílaba seguinte.
- A alternância i ~ e e u ~ o pode ser provocada isoladamente por



consoante vizinha, mesmo que não haja contexto para a aplicação da regra de harmonização vocálica. • A alternância *i ~ e* e *u ~ o* é mais frequente em vogal átona permanente. • Alguns fatores atuam como inibidores da alternância *i ~ e* e *u ~ o*. Dentre esses, o mais significativo é quando a vogal estudada é átona casual (AMARAL, 1996, p. 121).

Para o autor, o processo descrito ocorre devido apenas por fatores fonéticos e talvez por fatores extralinguísticos.

No nosso *corpus* encontramos apenas o abaixamento da vogal alta /i/ para a média /e/, uma vez que trabalhamos com documentos escritos.

### 2.3 Variação das pretônicas no português arcaico

A obra *Appendix Probi* pode servir de instrumento para o estudo do português arcaico, uma vez que o português advém do latim vulgar. Segundo Castro (1991), com 227 pares de palavras, o texto apresenta uma lista com a forma gráfica correta e incorreta da palavra, a qual se deveria evitar e que era “influenciada pela pronúncia do tempo”. De acordo com o autor:

O texto aparece no final (daí *Appendix*) de um manuscrito mais extenso, a *Ars vaticana* (porque continua num manuscrito da Biblioteca da Vaticana: *Ms. Vindobonensis 17*, executado por monges italianos de Bobbio, nos séculos VIII-IX) atribuído [...] ao gramático Valério Probo, que viveu em meados do séc. I d.C. aproximadamente. Obviamente, o *Appendix* não é obra de Probo, mas de algum proprietário de um manuscrito de *Ars*. (CASTRO, 1991, p. 91).

Castro (1991) ainda comenta que é possível constatar a evolução que persistiu nas línguas românicas, como a troca do /i/ breve para /e/ fechado, assim como /u/ breve para /o/, segundo os exemplos retirados da obra, como *Imago non emago; Puella non Poella; Columna non colomna*, dentre outros.

Castro (1991) reproduz a lista do *Appendix Probi* em sua totalidade. Ao observá-la, encontramos alguns casos de harmonia vocálica e alçamento sem motivação aparente, como em *formica non furmica, Byzacenus non Bizacinus, senatus non sinatus, palearium non paliarium, festuca non fistuca, robigo non rubigo, bipennis non bipinnis, formosus non formunsus, parentalia non parantalia*.

Bisol (1983, p. 82) diz que com o *Appendix Probi* é possível inferir que a origem das variações na pretônica correspondem ao latim do século IV. Dessa lista, a autora mostra duas representações que ainda oscilam no português atual “**formiga ~ furmiga, formosura ~ furmusura ~ formosura**”.

Mattos e Silva (1991) relata que a harmonização das vogais já aparece fixada na grafia do português desde o século XIII. A autora explica que o sistema vocálico em posição acentuada do português é conservador: esse sistema em posição acentuada, constituído de 7 unidades distintivas [...] vigorava já em grande parte da România na época do latim imperial, continua na fase galego-portuguesa medieval e persiste na maioria dos dialetos contemporâneos da língua portuguesa (MATTOS E SILVA, 1991, p. 51).

Contudo, sobre as vogais em posição não acentuada no português arcaico, a autora expõe que a variação gráfica na representação das não acentuadas é mais frequente e em vários contextos, diferentemente da representação das vogais em posição acentuada, logo, por estarem em posição de menor intensidade articulatória oscilam com mais frequência (MATTOS E SILVA, 1991).

Em posição pretônica inicial era muito comum a variação entre as vogais pretônicas e e *i*, “documenta-se no português arcaico a variação gráfica entre e e *i* também o ditongo *ei*. Essa grafia variável é usual em certos itens lexicais, por exemplo: *Egreja/igreja; idade/edade/eidade; Einês/Inês*”, como também “a variação e/*i* em sílabas iniciais em que a vogal é travada por nasal ou sibilante [...] vale notar que nesses casos a vogal seguinte é sempre vogal alta: *enfinta/infinta; escritura/iscritura*” (MATTOS E SILVA, 1991, p. 60-61).

Sobre a posição pretônica interna, Mattos e Silva (1991, p. 59-61) destaca:

- 1) “A variação gráfica mais destacada nessa posição é aquela entre < e > e < i > quando na sílaba acentuada estão as altas /i/ ou /u/, vogais ou semivogais. Essa variação deve indicar um alteamento da pretônica, fenômeno assimilatório conhecido como harmonização vocálica e que já aparece fixado no século XVI [...]”.
- 2) As grafias <o> / <u> :
  - a) Em posição inicial: *oliveira/uliveira/ouliveira; homildade/humildade; orgulho/orgulho.*
  - b) Em posição pretônica interna:
 

“Simetricamente ao que se passa na variação gráfica < e > / < i > nessa mesma posição, ocorre com posteriores grafadas < o >/ < u >: a variação gráfica mais destacada ocorre quando na sílaba acentuada estão /i/ ou /u/, vogais ou semivogais.
- 3) “Encontra-se a grafia < o >/ < u > em itens esporádicos do léxico, como *logar/ lugar; mulher/molher; soterrar/suterrar*, a que não se pode aplicar uma regra de condicionamento fonético do tipo assimilatório.

Teyssier (2007) confirma que o sistema vocálico português tem a tendência em manter seu caráter conservador, entretanto, demonstra em três categorias a origem das oscilações entre as vogais /e/, /i/ e /o/, /u/ (2007, p. 51) que ocorrem em posição pretônica no século XVI:

- a) *Dissimilação e dilações*: esta se dá pelas intervenções das vogais que passam de /e/ e /o/ para /i/ e /u/, como em “*menino > minino, fremosura > fremusura*”, aquela pela inversão de /i/, /u/ para /e/ e /o/, como em “*dizia > dezia, futuro > foturo*”;
- b) *Hesitações morfológicas nos paradigmas verbais*: esse caso ocorre devido às alternâncias vocálicas regulares, como “*poseste-puseste e fezera-fizera*”, derivadas de *pôs-pus* e *fez-fiz*;
- c) *Palavras particulares*: nesta classificação o autor exprime que certos vocábulos com um /o/ ou /e/ em posição pretônica passam para /u/ e /i/, como “*molher > mulher; logar > lugar; melhor > milhor* (que em seguida, por reação erudita, retorna a *melhor*)”.

Sobre as classificações acima, Teyssier (2007) explica que todas essas variações são casos antigos e “não se deve, porém, concluir; em nenhum caso, que elas caracterizam uma evolução do sistema e, em particular, uma passagem de [e] a [i] e de [o] a [u]” (TEYSSIER, 2007, p. 59).

Fonte (2017) investiga o alçamento das vogais átonas em posição pretônica e postônica no português por meio das *Cantigas de Santa Maria*, do *Cancioneiro Geral* e de *Os Lusíadas* datados dos séculos XIII, XV e XVI. A autora relata a ocorrência de harmonia vocálica em vogais pretônicas anteriores e posteriores como uma regra variável, sendo a vogal alta adjacente o gatilho da regra. Ao observar as diferenças do vocalismo átono do português europeu e brasileiro atual, constata que a regra de alçamento no português brasileiro é posterior ao século XVI, pois acredita que o fenômeno do alçamento “não foi transplantado para o Brasil, junto com as embarcações portuguesas que para cá vieram, a partir de 1500” (FONTE, 2017, p. 172).

Na *Grammatica da lingoagem portuguesa*<sup>8</sup>, de Fernão de Oliveira, a primeira gramática da língua portuguesa, o gramático, no capítulo VIII, faz a distinção entre as vogais do português arcaico e diz que há 8 vogais, sendo /a/, /e/ e /o/ grandes, /a/, /e/ e /o/ pequenos, no caso, abertas e fechadas. O gramático exclui /i/ e /u/ desses grupos, pois não há timbre que

<sup>8</sup> Consultada no site da *Biblioteca Nacional de Portugal*. Disponível em: <<http://purl.pt/120>>. Acesso em 21 mar. 2018.

opere sobre essas vogais. No capítulo XXVII da gramática, podemos perceber que desde estágios muito antigos da língua era comum /e/ e /o/ serem realizados como /i/ e /u/.

Na gramática de Oliveira existem pistas a respeito das vogais não acentuadas. No capítulo XVIII da gramática, cita Mattos e Silva (1991, p. 54), que: “Das vogais, entre *u* e *o* pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns *somir* e outros *sumir* e *dormir* ou *durmir* e *bolir* ou *bulir*. E outro tanto entre *i* e *e* pequeno, como *memória* ou *memórea*, *glória* ou *glórea*”. Desse modo, Mattos e Silva (1991, p. 54) esclarece que essas informações da gramática de Fernão de Oliveira mostram que “a oposição /o/ : /u/ e /e/ : /i/ se neutralizava”.

Bisol apresenta 29 casos de harmonia vocálica coletados da primeira edição de *Os Lusíadas*, de 1572, fase clássica do português, os quais estão listados a seguir:

1 - apinino (apenino)	16 - embebidos embebidos (embebidos)
2 - Cyfícia (Cefícia)	17 - engulindo (engolindo)
3 - cubiça~ cobiça	18 - gingiva (gengiva)
4 - cubiçado ~ cobiçosos	19 - insufribil (insofrível)
5 - cubrir, cubrio (cobrir~cubrir)	20 - insuffridas (insofridas)
6 - cubertas, cuberta (cobertas, coberta)	21 - Milindano (Melindano)
7 - custuma~ costuma	22 - minino (menino)
8 - costume~costume	23 - mintirosa ~mentirosa
9 - costumado~costumado	24 - misilhões (mexilhões)
10 - conhicimento (conhecimento)	25 - melhor (melhor)
11 - difiria, difirisse (deferir)	26 - perigo~pirigo
12 - dirivado, diriva (derivar)	27 - regurosos ~regurosos
13 - descubridor ~descubridores (descobrir)	28 - Sivilha (Sevilha)
14 - descuberto (descoberto)	29 - surrindo (sorrindo)
15 - encuberto (encoberto)/(cubrir-cobrir)	

(BISOL, 2015, p. 192 apud ASSIS et al, 1966).

Sobre a harmonia vocálica ser corriqueira na língua falada, Bisol (2015, p. 193) comenta: “tão natural deve ter sido a harmonia na fala da época que Camões não se dera conta que a deixava transparecer na escrita”.

João de Moraes Madureira Feijó (1688-1741) em *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, impresso pela primeira vez, em 1734, posiciona-se a favor do uso das grafias etimológicas (latinas) e da pronúncia baseada na escrita. Como realizado no *Appendix Probi*, Feijó apresenta uma lista que corrige o erro de palavras usadas de maneira errônea. Esta obra é dividida em três partes; a primeira parte apresenta as regras ortográficas e as dificuldades de grafia; a segunda discorre sobre a separação das palavras e o uso da pontuação; a terceira, chamada *Erros de Vulgo*, expõe os erros de pronúncia, em

ordem alfabética. Esta parte é considerada de grande valor para a obra e conta com longas 397 páginas.

Gonçalves (1992), ao discorrer sobre a importância de Madureira Feijó e de sua *Ortografia*, considera esta obra um monumento da historiografia linguística. No século XVIII, a obra foi considerada uma espécie de *bíblia ortográfica*. A *Ortografia* pode ser “entendida como a arte de escrever rectamente, a semelhança da gramática, justificando-se assim o título de *Orthographia* ou *Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Lingua Portugueza* (GONÇALVES, 1992, p. 48). A autora ainda salienta:

A *Orthographia* subjaz, conseqüentemente, uma verdadeira teoria da escrita em língua portuguesa, norteadas por princípios que, no nosso entender, são mais do que simples opções (orto)gráficas e tem a ver com a tentativa de moldar a língua segundo um ideal de perfeição. E, se assim podemos afirmar, um ideal purista (por vezes *pseudo purista*) aquele que Madureira Feijó persegue ao longo das 548 páginas da sua *Orthographia* (GONÇALVES, 1922, p. 49).

Essa “bíblia ortográfica” seguia os preceitos difundidos pela tradição latina na arte de bem escrever; “a *perfeição* da grafia da língua portuguesa deve assentar no modelo ortográfico latino, mesmo que daí decorram numerosas inconseqüências entre o plano fónico e o plano gráfico” (GONÇALVES, 1992, p. 54). A esse respeito a autora complementa:

Fica evidente, por outra parte, a *confusão* entre *letra* e *som*, isto é, a confusão entre o fixo e o mutável, uma vez que a língua falada não é analisada como processo histórico sujeito, portanto, ao fluir temporal; nos exemplos aduzidos por Madureira Feijó, há mais do que a mera substituição gráfica de uma letra por outra, já que a mudança ocorre no plano da fala e a escrita limita-se a registrá-la a posteriori (GONÇALVES, 1992, p. 54-55).

Costa e Keller (2013, p. 51-54) mostram que há mais de 100 ocorrências de harmonia vocálica com a vogal **e** e **o** em posição homorgânica e não homorgânica, na obra de Feijó. Contudo, citaremos apenas alguns exemplos retirados dessa lista:

a) Vogal **e** homorgânica: *abastecido e não abastecido, acreditar e não acriditar, concedido e não concidido, decidir e não dïcidir;*

b) Vogal **e** não homorgânica: *abelhudo e não abilhudo, defumar e não difumar, legumes e não ligumes, ternura e não tïrnura;*

c) Vogal **o** homorgânica: *acoflumar e não acufumar, costume e não custume, doçura e não duçura, acoflumar e não acufumar;*

d) Vogal **o** não homorgânica: *afocinhar e não afucinhar, agoniar e não aguniar, cobrir e não covrir, motim e não mutim.*

Há também casos de alçamento sem motivação aparente, como em: *alfandega e não alfandiga, algodão e não algodão, beato e não biato, camaleão e não camalião* (COSTA; KELLER, 2013, p. 55).

Com base na documentação de Feijó, Bisol (1983, p. 94-95) confirma que, na primeira metade do século XVIII, a variação das vogais “e ~ i e o ~ u, nascida no latim e cultivada no português arcaico e clássico”, estava viva.

Para Bisol (1983), a alternância das vogais pretônicas é uma regra variável que atinge alguns vocábulos mais do que outros. Em sua pesquisa, a autora esclarece que a variação da pretônica em uso no Rio Grande do Sul é muito parecida com a que operava no português dos séculos XIV e XVII. A variação das vogais “começaram sua história no latim dos fins do Império Romano, titubearam no português arcaico entre várias alternativas, e sistematizaram-se no português quinhentista, ficando também documentadas em registros de pronúncia do século XVIII” (BISOL, 1983, p. 96).

Na gramática de Jerónimo Soares Barbosa, publicada em Lisboa, em 1830, podemos perceber a diferenciação das vogais /i, e/ e /o e u/ para seu uso na escrita:

Para na escriptura distinguir as vozes, que na pronunciaçãõ são surdas i ou e, o ou u: ou estas vozes vem antes da Syllaba aguda, ou depois. Se vem d'antes, não há outro meio para as conhecer e determinar se não o de variar com outra formação, ou declinaçãõ a mesma palavra de sorte que a voz ambígua passe a ser huma das grandes; e então o seu som confuso se fará distincto para se escrever com a sua vogal própria.

Assim, para eu saber com que vogal hei de escrever as primeiras vozes surdas dos dois verbos *Cear*, e *Ciar*, e dos dois *Soar* e *Suar*; não tenho mais do que pol-as no presente do Indicativo *Cêo*, *Cío*, *Sôo*, *Súo*, e logo vejo a vogal com que os devo escrever nas mais fórmãs dos mesmos verbos (BARBOSA, 1822, p. 62)

Cagliari (1985, p. 94) conta que a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Barbosa, assumiu “que a realidade escrita da língua é uma e a realidade oral é outra, e que valia mais a pena descrever a língua pela realidade oral, não escrita, fazendo o contrário do que faz a gramática tradicional”.

A seguir, discorreremos acerca das teorias que buscam explicar a mudança linguística: a neogramática e a difusão lexical.

## 2.4 A Teoria Neogramática e a Teoria da Difusão Lexical

A respeito da teoria neogramática e da difusão lexical, a primeira propõe que todas as palavras sejam alcançadas pela mudança (regularidade) e que as exceções à regra sejam tratadas como analogia ou empréstimos, enquanto a segunda defende que cada palavra tem sua história e que a mudança ocorre palavra por palavra (SILVA, 2009; CARMO, 2009).

Primeiramente, acerca dos Neogramáticos, Dias (2015, p.127) conta que, na segunda metade do século XIX, surgiram, na Universidade de Leipzig, linguistas “que tentaram introduzir na Linguística Histórica princípios positivistas que vigoravam na época nas ciências e na filosofia”. Surge assim, com a publicação de Hermann Osthoff (1847-1909), na revista *Morphologischen Untersuchungen*, o movimento neogramático, em 1878 (DIAS, 2015).

Ilari (1999) conta que os neogramáticos foram influenciados pelas ciências naturais e pelo darwinismo e atuaram nas últimas três décadas do século XIX. Seus maiores representantes foram Brugmann, Leskien e Osthoff.

O objetivo dessa escola consistia em buscar as causas de uma determinada mudança, e não apenas sua descrição e exposição. Acima de tudo, a explicação da mudança não deveria ser mais fundada em ideias comparativistas<sup>9</sup>: ‘em vez de comparar estado de línguas muito distantes, toma como objeto de estudo a passagem de um estado ao outro seguinte’ (DIAS, 2015, p. 127).

A mudança, para os neogramáticos, ocorre em todos os estados, sem exceções, sendo as exceções consideradas como indícios de uma lei ainda não conhecida (DIAS, 2015). Ilari (1999, p. 19) explica que, no trabalho dos neogramáticos, as “leis” da evolução fonética “agem de maneira absolutamente regular, admitindo exceções apenas quando sua ação é contrariada pela ação da força psicológica da analogia”.

Ilari apresenta exemplo de como a analogia atua no funcionamento das línguas:

Exemplos simples de como a analogia atua no funcionamento das línguas podem ser encontrados na fala das crianças, em erros como *fazi* ou *trazi* por *fiz* ou *trouxe*, na

---

<sup>9</sup> No início do século XIX, o estudo histórico das línguas adquiriu um caráter comparatista com o livro de Franz Bopp, *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em confronto com o das línguas grega, latina, persa e germânica*. O estudo das línguas antigas tornou-se de caráter genético e a restituição das línguas deu-se por comparação, sendo o “indo-europeu, considerado como a origem comum das línguas das principais culturas clássicas” (ILARI, 1999, p. 18).

expressão de Saussure, que retoma o conceito de analogia dos neogramáticos, operaria aí uma espécie de regra de três: se *viver, correr* etc. fazem o perfeito em -i pode-se esperar que *fazer e trazer* também o façam (ILARI, 1999, p. 19).

As *leis fonéticas* são princípios condicionados pelo tempo e espaço responsáveis pelas evoluções dos vocábulos. Possuem um caráter de constância e inflexibilidade. São leis que atuam nos fonemas em ambientes e circunstâncias semelhantes (DIAS, 2015). “Aos neogramáticos, competiu a tarefa de sustentar o conceito de que as leis fonéticas são princípios absolutos, cujo rigor científico pode ser facilmente observado” (DIAS, 2015, p. 128). Sendo assim, os estudos neogramáticos possibilitaram inúmeros trabalhos a respeito das modificações fonéticas.

Segundo Oliveira (2002, p. 65), para os neogramáticos, “1. as mudanças sonoras não têm exceções; 2. as mudanças sonoras são condicionadas apenas por fatores fonéticos; 3. as mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente repentinas”.

Oliveira (2002) conta que foi Osthoff e Brumann (1978) que defenderam a primeira parte da hipótese neogramática de que as **mudanças sonoras não têm exceções**. Casos que fugiam à regra, na prática, eram vistos como casos de analogia, “ou seja, estruturas gramaticais que porventura tivessem sido destruídas por alguma mudança sonora (regular) poderiam ser, posteriormente, restauradas pela analogia a outras formas” (OLIVEIRA, 2002, p. 605).

Ademais, a segunda parte da hipótese, de que **as mudanças sonoras são condicionadas apenas por fatores fonéticos**, foi contestada pelo modelo gerativista clássico “no qual a fonologia pode ser afetada pela sintaxe e pelo léxico” (OLIVEIRA, 2002).

A terceira posição dos neogramáticos de que **as mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente repentinas**, trata de uma inferência que se faz a respeito das duas primeiras partes da hipótese. Oliveira (2002, p. 605) explica que no modelo neogramático todas as palavras “que contenham um determinado som serão modificadas do mesmo modo e ao mesmo tempo”.

Como alternativa para explicar a mudança linguística, um novo ponto de vista surgiu em meados da década de 70. A teoria da Difusão Lexical foi formulada, em 1969, pelo chinês William Wang, que apresenta a palavra como unidade básica da mudança. Em um projeto publicado pela Universidade de Pequim, Wang tentou estabelecer o percurso seguido pelas mudanças sonoras do chinês a partir de um estudo “formado de transcrições fonéticas de 2.444 morfemas em dezessete dialetos chineses” (SILVA, 2009, p. 89).



Segundo Silva (2009, p. 89), Wang (1969) sustenta a ideia de que a mudança sonora inicia em uma única palavra ou em um grupo pequeno de palavras e pode se estender “para outras formas de composição fonológica similar”, isto é, os itens lexicais mudam gradualmente e um de cada vez.

Silva (2009) expõe que a teoria da Difusão Lexical sugere que as línguas vivas tenham uma quantidade de morfemas com pronúncias duais. Wang dá o exemplo de diversos morfemas que possuem duas pronúncias envolvendo as vogais, as quais são usadas pelo mesmo falante. Baseada nessa coexistência de variação na pronúncia de um mesmo vocábulo, a hipótese da regularidade da mudança sonora desenvolvida pelos neogramáticos torna-se incoerente (WANG, 1969 apud SILVA, 2009).

Para Wang, a difusão acontece morfema por morfema, no vocabulário do indivíduo, o qual não muda repentinamente. Contudo, esse linguista não desconsidera a possibilidade de a mudança ser regular. A difusão lexical é considerada **foneticamente abrupta e lexicalmente gradual**. Entretanto, Daniel da Silva (2009) expõe que Wang (1989) admite mais uma possibilidade, como sendo a mudança **foneticamente gradual e lexicalmente gradual**.

Segundo Gomes, Mesquita e Fagundes (2013), os estudos dialetológicos tentaram colocar em oposição a regularidade das leis fonéticas com as irregularidades encontradas nas variedades dialetais. “À proposta dos dialetologistas do século XIX, acrescentam-se, nos anos 60, trabalhos com evidências de mudanças que não se enquadram no modelo neogramático” (GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013, p. 157).

Gomes, Mesquita e Fagundes (2013) comentam que Labov (1981, 1994) procurou resolver o conflito entre os dois modelos. Para esse estudioso, a maioria das mudanças sonoras são de origem neogramática, embora ele acredite que é “a natureza da mudança que determina o tipo, se tendo o segmento ou o item lexical como unidade de mudança” (GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013, p. 157). Então, para Labov, a aplicação de um modelo pode não excluir o outro, como a difusão lexical não exclui a possibilidade do condicionamento fonético, porém, **se há difusão lexical, é por que o condicionamento fonético não dá conta da mudança**.

Silveira (2010, p. 69) explica que “para Labov, a questão principal é se a mudança do som é ou não regular e de que maneira o significado do item lexical é preservado, ou não, no curso de uma mudança linguística”.

Labov (1994) queria mostrar que a Difusão Lexical é um tipo especial de mudança linguística.

O desafio principal era descobrir quando um tipo de mudança ou outro ocorria. Para resolver esse impasse, Labov propôs uma solução estrutural, isto é, diferenciar as áreas da estrutura linguística em que a mudança sonora regular, ou a difusão lexical, seja mais provável de ser encontrada (SILVA, 2009, p. 94).

Sendo assim, Labov considera os dois tipos de mudança linguística como legítimos, cada um executando diferentes papéis propostos pelo sistema linguístico (SILVA, 2009).

Oliveira (1992) também defende que a mudança sonora é lexicalmente implementada. Bortoni, Gomes e Malvar (1992, p. 10) esclarecem que Oliveira, em suas pesquisas, questiona se “o modelo difusionista para a análise da mudança sonora pode, ou não, incorporar algum tipo de condicionamento fonético?”; e qual seria “o status das exceções como medida de avaliação dos modelos neogramático e difusionista?”.

Oliveira (1992) expõe as seguintes constatações a respeito das mudanças sonoras:

Não é verdade que uma abordagem difusionista da mudança sonora deva ignorar, ou se esconder das 'coincidências' fonéticas encontradas. [...] O contexto fonético não [funciona] como condicionador de inovações, mas como um respaldo local para a fixação da inovação em determinados itens lexicais. [...] sugiro que o comportamento individual seja checado para todos os itens lexicais. Somente depois disto é que os indivíduos poderão ser agrupados, se isto for possível (OLIVEIRA, 1992, p. 40).

Essas constatações podem ser analisadas da seguinte maneira nesta pesquisa: no caso de palavras que apresentam o alçamento e abaixamento das vogais sem contexto fonético-fonológico apropriado; o caso, por exemplo, de palavras que já vieram do latim com a vogal alçada/abaixada; o condicionamento lexical pode ser explicado conforme análise diacrônica da palavra por meio da busca por sua história e origem.

Mollica e Matos (1992) expõem como a mudança é propagada nos moldes da teoria de Difusão Lexical:

Cabe lembrar que, do ponto de vista difusionista, prevê-se que as inovações se instalem gradualmente no léxico. Sob esse prisma, admite-se que a mudança não se dê uniformemente na língua num mesmo estágio temporal e que seus condicionamentos possam ser de natureza diversa. Assume-se que a implementação de uma mudança se processa por razões de ordem lexical, ora como propulsoras ora como refreadoras (cf. Wang, 1969; Wang, 1977; Hsieh, 1972), além de motivações fonéticas, sócio-geográficas e outras, levando em conta a dimensão temporal. (MOLLICA; MATOS, 1992, p. 55)

E explicam que do ponto de vista analítico, a variável frequência é analisada, pois os itens são considerados individualmente:

Uma análise difusionista leva em conta todos os itens individualmente, tomando possível estabelecer a relação entre os itens atingidos pela variação e os itens não atingidos, bem como identificar os parâmetros que regulam o universo lexical não atingido pela variação ou mudança (MOLLICA; MATOS, 1992, p. 55).

Para os dialetologistas, como aludem Gomes, Mesquita e Fagundes (2013), a mudança pode afetar alguns itens e excluir outros, já que sua implementação é gradual, a mudança sonora pode não operar e alcançar todos os itens lexicais relevantes devido à competição com outra mudança e/ou devido a motivações extralinguísticas.

Oliveira (1992) explica as diferenças entre os modelos assim: o modelo neogramático segue regras fixas de condicionamento fonético e “concebe as mudanças sonoras como sendo lexicalmente abruptas e foneticamente graduais” (1992, p. 32), além disso, palavras que fogem à regra são vistas como analogias ou empréstimos de outras línguas. Já o modelo difusionista “propõe que as mudanças sonoras sejam vistas como sendo lexicalmente graduais e foneticamente abruptas” (1992, p. 32) e essas mudanças ocorrem nas palavras e não apenas no som. A primeira perspectiva é centrada no som e a segunda na palavra, pois a mudança relativa ao som coloca em ação o papel do ambiente fonológico, enquanto a mudança referente à palavra enfatiza o papel do léxico.

O modelo de difusão lexical não descarta a regularidade, na verdade, ele permite a presença de irregularidades. Aliás, esse modelo “não recusa a possibilidade de condicionamento fonético; o que ele faz é incorporar a possibilidade de mudanças sonoras que não sejam foneticamente condicionadas” (OLIVEIRA, 1992, p. 90).

## 2.5 Teoria da Variação

A Sociolinguística Variacionista, desenvolvida por William Labov, como explica Wiedemer (2009, p.130), “tem como preocupação estudar a língua na sua produção real, no âmbito de uma comunidade, buscando entender a regularidade dentro da variação de fala”. Além dessa teoria procurar processos de mudança em progresso em dados de língua falada, ela “também busca evidências no passado da língua para determinar de forma precisa se o fenômeno investigado está num estágio de mudança ou de variação” (ROSA, 2015, p. 6).

A variação linguística tornou-se um incômodo para a maioria das teorias linguísticas. Desde o século XX, surgiram várias tentativas de explicá-la. Com Ferdinand de Saussure, “a variação linguística acabou sendo relegada à *parole* e [...] fora do escopo da Linguística, que

deveria ser investigado, a Linguística saussureana se voltou para descrição dos sistemas abstratos” (OLIVEIRA; LEE, 2006 p. 45). Sistemas que, por sua vez, eram considerados homogêneos, no qual os linguistas se preocupavam em explicar apenas a sua descrição.

Para Labov (2008), os sistemas linguísticos são heterogêneos por natureza. As pesquisas de Labov, desenvolvidas na segunda metade do século XX, englobam mudanças linguísticas em progresso. Elas abarcam as abordagens sincrônicas e diacrônicas a respeito da variação e da mudança linguística. De acordo com Daniel da Silva (2009, p. 81), as teorias de Labov “sobre como a língua é apreendida pelo indivíduo, sobre como ele a utiliza em suas relações cotidianas e a maneira que ela muda através do tempo, alvo central de sua abordagem” mudaram o rumo das investigações linguísticas.

A teoria da variação vai de encontro com teorias que excluía a variação linguística por contrariar os princípios estruturais básicos fundados por Saussure, como as dicotomias sincronia/diacronia, assim como “acreditavam contrariar a divisão *langue/parole*, que estabelece a língua como a parte social da linguagem e a fala como o lado individual” (SILVEIRA, 2010, p. 23).

Em *fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, datado de 1968, Weinreich, Labov e Herzog (2006) esboçam os seguintes problemas para os quais a teoria da mudança deve fornecer respostas:

- a) A questão dos fatores condicionantes (mudanças e condicionamentos possíveis);
- b) A questão da transição (os estágios intervenientes entre dois estados da língua);
- c) A questão do encaixamento (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social);
- d) A questão da avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua);
- e) A questão da implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época) (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 17).

Em relação à primeira questão, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121) apontam “que um possível objetivo para uma teoria da mudança é determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança”, pois os autores acreditam que é possível avançar na elaboração da teoria sobre mudança linguística, trabalhando em um estudo minucioso de mudanças em progresso.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) explicam que o processo global da mudança envolve estímulos e limitações, tanto da sociedade quanto da estrutura da língua. “A dificuldade do enigma da implementação é evidente no número de fatores que influenciam a mudança” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 124). Para os autores, é necessário

que se explique as mudanças por meio de fatores linguísticos e sociais, pois essa relação está inter-relacionada no processo da mudança linguística.

Para Labov (2008[1972]), a explicação da mudança linguística aparenta envolver três problemas divergentes: a origem das variações linguísticas, a difusão e propagação das mudanças e a regularidade da mudança linguística.

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo” (LABOV, 2008, p. 19-20).

Sendo assim, há várias etapas no processo da mudança: para Labov (2008, p. 20), “a maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem”. Algumas tornam-se recorrentes. Numa segunda etapa, podem ser imitadas e “podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada” (LABOV, 2008, p. 20).

Bisol (2015) confirma que as mudanças linguísticas abrangem variados processos:

As mudanças linguísticas não são bruscas nem espontâneas, mas resultantes de um **processo de múltiplos envolvimento**s que se desenrola lentamente através dos séculos, **por vezes sugerido pelo comportamento de regra variável**, mas sempre de difícil captação senão quando efetuada, isto é, quando os seus resultados permitem um olhar para o passado (BISOL, 2015. p.186, grifos nossos).

Como utilizaremos os métodos do presente para explicar o passado, levamos em consideração o *Princípio do Uniformitarismo*<sup>10</sup>, de Labov (1972), que favorece nossa justificativa para o estudo da variação linguística em textos antigos, porque, para o autor, as forças linguísticas que ocorrem atualmente ao nosso redor são as mesmas que ocorreram ao longo do tempo [tradução nossa]. Labov considera que as análises históricas das línguas são importantes para determinar o que aconteceu na história de uma determinada língua ou numa determinada família de línguas” (LABOV, 1994). Labov (1982) descreve como “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”<sup>11</sup> os estudos de cunho diacrônico ao longo dos séculos em contraste com os estudos sincrônicos sobre mudanças linguísticas.

<sup>10</sup> Uniformitarianism Principle (LABOV, 1972): *The linguistic forces operating around us today are the same ones that have been operating across the ages.*

<sup>11</sup> “The art of making the best use of bad data”.

Mattos e Silva (1991) salienta a importância da *teoria da mudança* da Sociolinguística, que considera o passado como um meio de esclarecer variações e mudanças em curso no presente, “da mesma forma que a análise de variação e mudança no presente abre caminhos para uma melhor interpretação dos fatos do passado” (MATTOS E SILVA, 1991, p. 46).

Os estudos de Labov são importantes nesta pesquisa pelo fato de que compreendemos que a variabilidade e mudança estão relacionados “a fatores de ordem social, estilística e linguística, ou seja, está em jogo uma concepção de estrutura linguística porosa e maleável, cujo funcionamento é movido por forças tanto estruturais como sociais” (SEVERO, 2014, p. 36).

## 2.6 Pesquisas de natureza neogramática e difusionista

A seguir, apresentamos algumas pesquisas de cunho neogramático e difusionista que tratam da variação das vogais. Lembramos que, na literatura, as pesquisas tratam a harmonia vocálica e o abaixamento como regra neogramática, enquanto que o alçamento sem motivação aparente como difusão lexical.

### 1) Pesquisas de cunho neogramático<sup>12</sup>

Leda Bisol, em sua tese de 1981, a respeito da variedade da língua falada no Rio Grande do Sul, considera as seguintes variáveis linguísticas na variação das pretônicas:

a vogal alta da sílaba seguinte, a nasalidade, que foi favorável ao alçamento da média anterior /e/, mas desfavorável ao da média posterior /o/ (acendido ~ acindido, contido e mais raramente cuntido); as consoantes palatais, labiais e velares, cujos efeitos se apresentaram da seguinte forma: as palatais favorecem o alçamento de /e/ e /o/ na posição seguinte (melhor ~ melhor, sonhar ~ sunhar), as labiais favorecem a elevação da média posterior /o/, principalmente em posição precedente (boneca ~ buneca, política ~ pulítica), e as velares favorecem a elevação da média anterior /e/ tanto em posição precedente quanto seguinte (querido ~ quirido, segunda~ sigunda); outra variante relevante foi o caráter átono permanente da média pretônica no paradigma derivacional, que se mostrou favorável à elevação das médias (menino, meninice ~ mininu; formiga, formigueiro ~ formiga, formigueiro); e a presença de sufixos, especialmente – inho, – zinho, – íssimo que funcionaram como inibidores da

<sup>12</sup> As pesquisas variacionistas aqui apresentadas estão sendo consideradas como pertencentes ao escopo da teoria neogramática.

regra de harmonização vocálica (molinha, pezinho, belíssimo) (KLUNCK, 2007, p. 20).

Klunck (2007, p. 20) conta que os resultados obtidos por Bisol (1981) mostram que a regra de harmonia vocálica “usada de forma moderada no dialeto gaúcho, confirmando a predominância da realização fechada das vogais médias pretônicas”.

A respeito dos processos harmonia vocálica e alçamento sem motivação aparente, em um estudo mais recente, Bisol (2013, p. 53) esclarece que a harmonia vocálica, está vinculada ao estilo neogramático, pois “possui um condicionador fonético e pode expandir-se, atingindo mais de uma vogal”, enquanto que o alçamento sem motivação aparente “não tem um condicionador específico, mas somente fatores circundantes que a favoreçam, como certas consoantes ou ser membro de um grupo de palavras com uma base variável em comum”. Dessa maneira, o modelo de difusão lexical pode contribuir para o entendimento do processo de alçamento sem motivação.

Bortoni, Gomes e Malvar (1992), ao pesquisarem o alçamento e o abaixamento das vogais pretônicas no português de Brasília, verificam o condicionamento fonológico da regra e a influência analógica<sup>13</sup>, que ocorre através do processo morfológico de derivação<sup>14</sup> em uma amostra composta por falantes de classe média e de classe média baixa da região. Para complementar o estudo, as pesquisadoras observam dois *corpora*,

organizados em ordem alfabética, uma busca de possíveis evidências de condicionamento lexical, e pela análise de dados do português arcaico, uma busca de informação sobre o processo de implementação da regra em fases anteriores da língua (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 11).

Em sua pesquisa sobre o dialeto de Brasília, Bortoni, Gomes e Malvar (1992) consideraram os seguintes condicionadores para a **regra de elevação e abaixamento**: 1) **vogal alta seguinte** para harmonia vocálica ou vogal baixa nos casos de abaixamento das médias; 2) **ambiente fonológico precedente** (posição inicial de palavra, consoantes labial, consoante alveolar, consoante palatal e consoante velar); 3) **ambiente fonológico seguinte** (consoante labial, consoante alveolar, consoante palatal, consoante velar, vogal, travamentos

<sup>13</sup> A teoria de difusão lexical demonstra que certas exceções às regras fonológicas não podem ser explicadas por analogia ou empréstimo, como supõe a teoria neogramática (OLIVEIRA, 1992).

<sup>14</sup> Bortoni, Gomes e Malvar (1992) explicam que o *processo morfológico derivacional* faz com que as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ resistam à elevação, devido à associação com as vogais /é/ e /ó/ tônicos em palavras cognatas.

silábicos por /S/ e /R/; 4) **tonicidade adjacente** (átona permanente, átona eventual e formas verbais). “Além desses fatores estruturais, foram considerados o sexo dos falantes, a classe social e a origem dos pais” (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 15).

Bortoni, Gomes e Malvar (1992, p. 24) observaram, a partir da pesquisa de Maia (1986), com textos galegos, os seguintes ambientes favorecedores da elevação da vogal média anterior /e/ pretônica em **textos galegos**, que são: a posição inicial de palavra (**igreja – egreja**), a vogal alta na sílaba seguinte (**podiria, obediência**), em hiato (**contiudo**) e seguido de consoante palatal (**milhor –melhor**). As autoras relatam que a elevação em língua portuguesa ocorre nos mesmos ambientes. Já para a vogal /o/, os ambientes da variação são a vogal alta na sílaba seguinte (**custume**), seguido de consoante labial (**subrado**), seguido de consoante velar (**lugar**) e em hiato.

Schwindt (2002) verifica a influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas no uso da regra variável de harmonia vocálica em uma pesquisa quantitativa, na fala dos informantes do Rio Grande do Sul, em que considera uma amostra com 36 entrevistas. Desconsideramos as palavras em que alçamento é quase categórico, como as iniciadas por **e** seguido de **n** ou **s**.

Na delimitação das variáveis dependentes, Schwindt (2002) analisa somente as vogais pretônicas seguidas por vogal alta em sílaba subsequente presente até a sílaba tônica da palavra. Em relação às variáveis linguísticas independentes, Schwindt (2002) opta pela homorganicidade das vogais, a vizinhança (contiguidade), a nasalidade, a tonicidade da vogal candidata à regra e o contexto fonológico, referente aos elementos precedentes e subsequentes que podem exercer influência sobre a vogal. Já em relação às variáveis extralinguísticas, Schwindt (2002) considera a variedade geográfica, o sexo, a faixa etária e a escolaridade.

Resumindo, no decorrer da análise, o autor constata que a vogal alta imediata tem maior poder de elevar a vogal pretônica, devido à relação de vizinhança; e as consoantes alveolares e palatais em contexto precedente e seguinte são as de maior influência na aplicação do processo de harmônica vocálica. Por fim, Schwindt (2002) constata que o principal condicionar para a aplicação da regra é a vogal alta na sílaba seguinte; além disso, a regra de harmonia vocálica mostra sistematicidade, considerando, assim, o autor, uma regra gramatical.

Pontes et al (2004) apresentam um estudo sobre o /e/ pretônico no falar rural paranaense, o qual apresenta índices exorbitantes de alçamento em contextos fônicos com vogal média ou baixa na sílaba seguinte. Os autores analisam a elevação e a ditongação na fala rural e em seguida verificam processos fonológicos em cartas fonéticas dos atlas linguísticos regionais de todo o Brasil. Desse *corpus*, analisam os fenômenos de alçamento,



ditongação e abaixamento vocálico, tanto em /e/ e /o/ pretônicos. A ditongação e o alçamento aparecem nos resultados como regras dos falares centro-sul do país, sendo o abaixamento vocálico uma regra comum no nordeste do Brasil e concorre com o uso do alçamento nessa região, “pois, à medida que aparece o fenômeno do abaixamento, o alçamento tende a se enfraquecer (Bahia, Sergipe e Paraíba)” (PONTES et al., 2004, p. 154).

#### 1) Pesquisas de cunho difusionista

Desde 1987, Viegas aborda o alçamento das vogais médias como um possível processo de difusão lexical em que o alçamento ocorre gradualmente através do léxico. A autora ao estudar a regra de alçamento também constata que a regra atua primeiramente em itens mais frequentes, sendo a análise de frequência necessária; e constata que há palavras que não se enquadram em qualquer sistematização, portanto lembra-se da importância de verificar a história da palavra (VIEGAS, 1995).

É necessário considerarmos a história das palavras para, então, analisarmos a natureza do resíduo. Assim, *tumate* x *tomada* (com ambientes semelhantes) não necessariamente indica que um se submeteu à regra e o outro não. *Tumate* foi incorporado ao léxico português via inglês e, provavelmente, já veio com a vogal reduzida, diferentemente de *tomada* (VIEGAS, 1995, p. 106).

Viegas (1995, p. 106) salienta que “existe uma questão semântica atuando na seleção do item a ser alçado”, desse modo, os itens desprestigiados ou desvalorizados socialmente tendem a alçar mais.

Machry da Silva e Biasibetti justificam a importância da realização do exame da frequência, principalmente em relação à análise do alçamento sem motivação aparente, no qual se ocuparam em sua pesquisa.

Entende-se que, em relação à análise do AL aqui proposta, o exame da frequência de tipo mostra-se importante para explicar o comportamento de determinados paradigmas nos quais o alçamento se concentra, pois pressupõe-se que a recorrência de alguns itens lexicais alçados gera a automatização de um padrão que se propaga gradualmente a outros itens lexicais que, por similaridade estrutural e semântica, possam estar conectados à mesma rede. (MACHRY DA SILVA; BIASIBETTI, 2017, p. 155).

As autoras relatam que as mudanças condicionadas lexicalmente não atingem todas as palavras ao mesmo tempo, e que é interessante pesquisar o motivo de algumas palavras sofrerem alterações de maneira mais rápida do que outras. Além disso, na análise, é

importante considerar a **frequência de ocorrência** (*token*) das palavras e a **frequência de tipo** (*type*), o qual “indica o quanto determinado padrão é usado na língua em análise” (MACHRY DA SILVA; BIASIBETTI, 2017, p. 155).

Em relação ao processo de alçamento, Machry da Silva e Biasibetti (2017, p. 156) expõem a hipótese de que a variação alcança os itens lexicais que dividem o mesmo paradigma “e que a gradualidade e a velocidade com que o processo de variação se propaga pelo léxico depende tanto da frequência dos itens lexicais, quanto da frequência dos paradigmas na língua”. Dessa maneira, a análise difusionista, que verifica a frequência de uso dos itens, tem muito valor no estudo do processo de alçamento.

Oliveira (1992) lança a hipótese, em seu estudo, de que os itens lexicais que são afetados por mudanças sonoras apresentam certos traços característicos, como [+ **Comum**], [- **Elaborado**], [+ **Frequente**], que tendem a ocorrer em textos informais. São os itens lexicais com essas características que podem desencadear mudanças. Já palavras eruditas, nomes próprios e especializadas são resistentes à mudança. Para Oliveira (1992) o contexto fonético é irrelevante como controlador do alçamento.

### 3 METODOLOGIA

Sabemos que os dialetos do português brasileiro possuem variação de pronúncia, no que se refere aos fonemas vocálicos com traços [- alto, - baixo] (OLIVEIRA, 2003). Essas vogais podem ser realizadas de três formas distintas, segundo Oliveira (2003, p. 610): “(1) como média aberta /ɛ/ ou /ɔ/; (2) como média fechada /e/ ou /o/; ou (3) como vogal alta /i/ ou /u/”. A possibilidade (1) diz respeito aos dialetos do norte e nordeste do Brasil; a (2) caracteriza os dialetos sulistas e a (3) os dialetos das regiões centrais (OLIVEIRA, 2003).

Como esta pesquisa compreende produções escritas do estado do Rio Grande do Sul, trabalhamos com dados que exemplificam as possibilidades 2 e 3 em posição pretônica. Como exemplo, encontramos os seguintes casos de variação: *despesa* – *dispesa*, *referido* – *refirido*, *legítimo* – *lígítima*, *mutivo*, *milhor*, *fiminino*, *destrito*.

O foco desta pesquisa é pensar a língua a partir de uma perspectiva diacrônica, analisando as mudanças sonoras representadas na escrita pelos fenômenos de **harmonia vocálica**, **alçamento sem motivação aparente** e **abaixamento vocálico** das vogais pretônicas em 19 em textos antigos, do Rio Grande do Sul, datados do século XIX e início do XX.

Este estudo abarca duas teorias linguísticas que analisam sob óticas diferentes a mudança linguística: a Teoria Neogramática (leis fonéticas – mudança centrada no som) e a Teoria da Difusão Lexical (mudança centrada na palavra).

Neste estudo, preocupamo-nos em estabelecer e questionar quais os fatores condicionantes, seja fonético ou lexical, responsáveis pela variação diacrônica, levando em consideração combinações de fatores linguísticos e sociais, se possível.

Como utilizaremos métodos do presente para explicar o passado, levamos em consideração o *Princípio do Uniformitarismo*<sup>15</sup>, de Labov (1972), o qual serve como justificativa para o estudo da variação linguística em textos antigos, porque, para o autor, as forças linguísticas que ocorrem atualmente ao nosso redor são as mesmas que ocorreram ao longo do tempo [tradução nossa]. Além do mais, Labov (1982) descreveu os estudos de cunho diacrônico ao longo dos séculos em contraste com os estudos sincrônicos sobre mudanças linguísticas em curso como “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”.

---

<sup>15</sup> Uniformitarianism Principle (LABOV, 1972): *The linguistic forces operating around us today are the same ones that have been operating across the ages.*

Em relação às alterações gráficas, Monaretto (2005) aponta que elas têm procedências diversas e são importantes para a escolha de dados significativos fonologicamente. “A análise de um momento da língua no passado auxilia na identificação de estágios iniciais e intermediários de uma mudança linguística” (MONARETTO, 2005, p. 118). Porém, a autora relata a dificuldade em assumir que o texto escrito representa a fala, pois há variações gráficas de origens diversas. Por isso, é importante discernir o que é típico da escrita e o que pode representar características de fala.

Por analisarmos itens lexicais em textos antigos, há a dificuldade de distinguirmos se estamos diante de um caso de variação (elevação/abaixamento) ou apenas de divergência de grafia. Por isso, adotamos a perspectiva de Lass (2000) e buscamos explicações na história da palavra.

A partir das três categorias de Lass (2000), é possível classificar dados linguísticos extraídos de registros escritos como: *a) lixo*, composto por dados que contêm erros e lapsos de escrita, *b) variação puramente ortográfica*, representando dados de tradição ortográfica e etimológica (*signaes*) e *c) grafia significativamente fonológica*, dados que indicam processos fonológicos (*mutivo*). Neste estudo, analisaremos apenas os casos com grafia significativamente fonológica.

### 3.1 Variáveis consideradas

Ao estudarmos os manuscritos consideramos os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos:

- Fenômenos investigados: variação das vogais médias pretônicas, tendência em harmonizar (HV), alçar (AL) e abaixar (AB).
- Propriedades de uma variável linguística (LABOV, 2008):
  1. ter ocorrência frequente;
  2. ser estruturalmente integrada num sistema de unidades em funcionamento;
  3. ser a distribuição do traço altamente estratificada (correlação social).
- Grupo de fatores considerados:

De dimensão interna (estrutura da língua) para a análise dos fenômenos fonológicos:

- a) altura da vogal da sílaba precedente (vogal alta, vogal média, vogal baixa e ausência de vogal precedente);

- b) altura da vogal da sílaba seguinte (vogal alta, vogal média, vogal baixa);
- c) contexto fonológico seguinte (consoante palatal, alveolar, velar, labial, dental)
- d) contexto fonológico precedente (consoante palatal, alveolar, velar, labial, dental).

Na escolha dos ambientes favorecedores da elevação de /e/ e /o/, não consideramos ambientes categóricos da elevação, como posição **inicial de palavra e hiato**.

De dimensão externa (social):

Com a observação dos textos consideramos as seguintes variáveis:

- a) Região geográfica;
- b) Classe socioeconômica (ocupação do redator);
- c) Origem;
- d) Sexo;
- e) Período;

Conforme Labov (2008), toda mudança, até mesmo a mais sistemática, ocorre num tempo e num lugar específico. Desse modo, levaremos em conta a vida social da comunidade em que a variação linguística ocorre para melhor compreender seu desenvolvimento.

### 3.2 A escolha do *corpus* de pesquisa

Barbosa (2008) levanta excelentes questionamentos sobre o processo de construção de corpora para estudos históricos diacrônicos do português brasileiro, como, por exemplo: quais textos escritos e orais da contemporaneidade poderíamos deixar para representar a língua falada/usada hoje no território brasileiro? Como pesquisadores e estudiosos de sincronias passadas, devemos nos questionar a respeito dos limites do código escrito? Além do mais, “até que ponto a língua escrita reflete aspectos e propriedades da língua falada?” (BARBOSA, 2008, p.193). Os manuscritos coletados espelham propriedades da língua falada de sua época ou apenas representam um determinado estilo, grupo social e regional? (BARBOSA, 2008).

Rocha (2015, p. 59) defende que cabe ao pesquisador tirar proveito da melhor maneira dos dados coletados, isto é, “assegurar o melhor tratamento do material que possui, porque certos aspectos de um fenômeno linguístico só são desvendados quando resgatamos sua evolução na história de um sistema de comunicação”. Com esse tipo de investigação, é possível que o pesquisador desvende não só o percurso de certas mudanças linguísticas, “mas

também, sobre o perfil de informantes, auxiliando na reconstrução e compreensão de realidades sociolinguísticas obscuras”, explica Rocha (2015, p. 59).

Nossa fonte de estudo é composta por manuscritos não literários. De acordo com Castro (1991), os textos não literários são a fonte preferida dos linguistas. Eles geralmente contêm a data e local onde foram produzidos, como também os participantes da sua produção; “identificam os autores morais, que desejaram a produção, os autores materiais, que a executaram, e também os confirmantes e testemunhas, que assistiram e que fornecem uma espécie de contexto histórico e social para o nascimento do documento” (CASTRO, 1991, p. 174). Esses elementos possibilitam que o linguista avalie com mais cautela o que pode ser usado como fonte de conhecimento da língua oral da época, pontua Castro (1991).

Nosso *corpus* de pesquisa compreende 19 textos não literários produzidos em cidades do estado do Rio Grande do Sul no século XIX e início do XX. Os documentos pertencem ao *Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria* (AHMSM) (7 doc.), ao projeto *Banco de dados de textos escritos: português histórico do Rio Grande do Sul* (PHRS) (COSTA et al., 2012) coordenado pela Dra. Evelyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa (4 doc.), *Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul* (AHCS) (3 doc.), à *Casa de Memória Edmundo Cardoso* (CMED) (2 doc.) e ao *Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul* (AHRS) (3 doc.).

Os documentos do AHMSM e do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul foram coletados e transcritos na disciplina de Filologia do Português, ministrada pela Dra. Tatiana Keller, por alunos do Curso de Graduação de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria e pelos bolsistas do Projeto *Português Histórico do Rio Grande do Sul* (PHRS). Os demais documentos foram transcritos por mim e pelos bolsistas do PHRS.

O *Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria* foi criado em 1958 e tornou-se um local de memória importantíssimo para o município de Santa Maria. Esse estabelecimento contém manuscritos do Poder Público Municipal, como do poder legislativo, executivo e judiciário. Esses documentos são datados de 1868 a 1946, de acordo com o site do AHMSM<sup>16</sup>. Além do acervo Documental, o Arquivo contém um acervo Iconográfico e Bibliográfico, como também um acervo Hemeroteca com jornais e revistas do município de Santa Maria datados do século XIX até os dias de hoje. Uma Mapoteca, Coleção de moedas e um acervo de documentos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria. O AHMSH

---

<sup>16</sup>ARQUIVO Histórico Municipal de Santa Maria. Disponível em: <<http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico>>.

também possui um acervo digital com os processos crime da Comarca de Santa Maria (1910 - 1946) e fotografias de Santa Maria e região, a partir de 1890.

No AHMSM reside o maior número de textos do nosso *corpus*, sete ao todo. Os manuscritos são constituídos por documentos referentes ao poder legislativo e executivo da cidade; pertencem ao Fundo Câmara Municipal, momento político regido pela monarquia e pelo Fundo Junta Intendencial da cidade, com documentos produzidos no período político posterior, o republicano.

Os documentos do AHMSM encontram-se em bom estado, mas com o papel já enfraquecido. Para sua preservação, o manuseio dos manuscritos deu-se com o uso de luvas. Para fotografar foi necessário o uso de uma boa câmera fotográfica e o cuidado para não ativar o *flash*.

A *Casa de Memória Edmundo Cardoso*, localizada em Santa Maria, é uma instituição que abriga um vasto acervo de cartas, fotografias, jornais e revistas, dentre outros objetos que são úteis para o conhecimento da cidade e dos cidadãos de Santa Maria. O acervo começou a ser organizado pelo santa-mariense Edmundo Cardoso, que foi escritor, ator, jornalista, funcionário da justiça. Os manuscritos utilizados nesta pesquisa coletados da *Casa de Memória Edmundo Cardoso* são compostos por uma escritura (1877) e uma certidão de batismo (1884).

Na cidade de Cachoeira do Sul, há o *Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul*, fundado em 5 de agosto de 1987. Como um Arquivo do município abarca um vasto acervo bibliográfico, documental, fotográfico.

Neste trabalho, utilizamos documentos pertencentes ao Registro Geral da Câmara de Cachoeira do Sul, município fundado em 1819 por Dom João VI. Da cidade de Cachoeira temos uma ata da “sessão extraordinária da Câmara dos Vereadores” (1852), uma apresentação do Livro de atas da vizinhança (1829) e uma ata de batismo (1899) da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

A fim de contribuir para a descrição do português diacrônico no Brasil, o banco de dados do PHRS, coordenado pela Dra. Evellyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa, tem o objetivo de coletar, catalogar, editar, descrever e disponibilizar registros escritos do Rio Grande do Sul, dos séculos XVIII ao XX, a fim de propiciar material útil para pesquisas de variação e mudança linguística do português. Segundo Costa e Keller (2017, p. 39), o projeto PHRS “organiza-se como um banco de dados de registros escritos produzidos no estado que busca reunir material representativo da produção escrita de vários estágios da língua, bem como disponibilizar os documentos para a comunidade acadêmica”.

A metodologia adotada para a formação do banco de dados PHRS é a seguinte:

a) contato com as instituições detentoras de registros escritos: museus, arquivos históricos, particulares, dentre outros; b) coleta dos documentos por fotografia digital; c) transcrição e edição diplomática dos documentos; d) seleção e categorização dos textos obedecendo aos seguintes critérios: localidade, data e tipo de produção escrita (documento notarial, cartas oficiais, cartas pessoais, textos jornalísticos); e) divulgação do banco em artigos científicos; f) disponibilização do banco à comunidade acadêmica (COSTA; KELLER, 2017, p. 39).

Todos os manuscritos encontram-se antecidos por um cabeçalho que contém o local, a data, a cota (o local onde está arquivado) e o tipo de documento (COSTA; KELLER, 2017).

Mollica e Mattos (1992) exprimem a importância dos documentos analisados serem datados, localizados e que contenham informações acerca do notário.

### 3.3 Tipos de documentos

Nosso *corpus* de pesquisa corresponde a 19 textos, 18 foram escritos no século XIX e um foi escrito no século XX (1904).

Há 5 **cartas**, que, de acordo com Bellotto (2002), são definidas da seguinte forma:

**CARTA**: documento não-diplomático, mas de desenho mais ou menos padronizado, informativo, ascendente, descendente, horizontal, conforme o caso. 1. Correspondência do alto escalão da administração pública em comunicações sociais decorrentes de cargo e função públicos. Nas entidades privadas da área comercial, industrial, bancária, social entre outras, a carta é uma forma de correspondência largamente utilizada para transmitir informações, solicitar favores, fazer convites etc. Sem ser obrigatório, diplomaticamente, há uma certa padronização (BELLOTTO, 2002, p. 51).

Há cartas pessoais, como também carta de nomeação a um importante cargo policial, em que designamos como carta patente.

**CARTA PATENTE** - documento diplomático comprobatório de concessão, descendente. É o diploma concedido pelo Rei atestando a concessão de títulos, postos militares e outros privilégios. Também pode ser concedido por autoridade delegada dentro dos limites de sua jurisdição. Esse direito, em geral, vem fixado no regimento recebido por esta autoridade quando do início de sua gestão. **Protocolo inicial**: nome e titulação do soberano ou da autoridade. **Texto**: a concessão contendo o nome do interessado e o cargo recebido. **Protocolo final**: as datas e a subscrição do soberano. (BELLOTTO, 2002, p. 54)

Há cartas que narram acontecimentos de tempos de guerra, com saqueadas, batalhas e mortes, como uma espécie de notícia ou comunicado, caracterizado como “cientificação de



uma notícia ou ordem dirigida pessoalmente a alguém ou afixada para o conhecimento do público em geral” (BELLOTTO, 2002, p. 58).

Assim como há uma ata de batismo e uma ata de uma reunião de vizinhos da cidade de Cachoeira do Sul, que Belloto (2002, p. 48) se refere como “documento diplomático testemunhal de assentamento. Registro resumido das ocorrências de uma reunião, assembleia ou sessão, assim como das decisões tomadas por seus membros”. No conjunto de textos analisados há também cartas respostas com prestação de contas ou informação de serviço como resposta a um Ofício. Segundo Bellotto (2002, p. 70), **informação de serviço** é um “esclarecimento passado por autoridade subalterna à autoridade superior a seu pedido e necessário para a elaboração de um parecer (com o qual costuma ser confundida) ou despacho”.

O ofício, a autora define como um documento de caráter informativo, “um meio de comunicação do serviço público. Forma padronizada de comunicação escrita entre subalternos e autoridades, entre os órgãos públicos e entre estes e os particulares, em caráter oficial” (BELLOTTO, 2002, p. 76).

Compõe o *corpus* uma certidão, que é um documento testemunhal comprobatório, como também recibos, “reconhecimento escrito e assinado por pessoa(s) que tenha(m) recebido dinheiro ou objeto” (BELLOTTO, 2002, p. 73).

A seguir, apresentamos na Tabela 1 a relação dos manuscritos utilizados nesta pesquisa.

Tabela 1- Tipos de documentos

<b>Documento</b>	<b>Local/Cota</b>	<b>Data</b>
1 – recibo	Santa Maria/ AHMSM	31 de dezembro de 1890
2 – recibo	Santa Maria/ AHMSM	31 de dezembro de 1890
3 - carta patente	Canguçu/ PHRS	24 de outubro de 1841
4 - carta de informação de serviço	Porto Alegre/ AHRs	24 de outubro de 1841
5 – carta	Sem Local/ AHRs	26 de julho de 1840

<b>Documento</b>	<b>Local/Cota</b>	<b>Data</b>
6 - prestação de contas	Santa Maria/AHMSM	28 de novembro de 1892
7 - recibo	Santa Maria/AHMSM	27 de fevereiro 1890
8 - carta	Sem Local/AHRS	Janeiro de 1837
9 - carta	Dom Pedrito/PHRS	05 de fevereiro de 1904
10 - Carta - narrativa de guerra	Sem lugar definido/PHRS	20 de janeiro de 1824
11 - apresentação do livro de atas da vizinhança	Cachoeira do Sul/AHCS	14 de setembro de 1829
12 - ata	Cachoeira do Sul/AHCS	27 de julho de 1852
13 - ata de batismo	Cachoeira do Sul/AHCS	22 de outubro 1899
14 - prestação de contas	Santa Maria/AHMSM	11 de janeiro de 1887
15 - recibo	Santa Maria/AHMSM	31 de maio de 1890
16 - ofício	Santa Maria/AHMSM	09 de abril de 1886
17 - carta	Santa Maria/PHRS	7 de agosto de 1890
18 - certidão de batismo	Santa Maria/CMED	14 de julho de 1884
19 - escritura	Santa Maria/CMED	Junho de 1872

Fonte: a autora.

### 3.4 Crítica Textual

Registros escritos são importantes para o estudo do português arcaico e para o estudo de sua evolução. Desse modo, utilizamos dos saberes da filologia e da crítica textual, cujo objeto de estudo concentra-se no texto escrito. Vasconcelos e Santiago-Almeida (2012, p. 338) salientam que a crítica textual é uma disciplina integrante da filologia, cuja “tarefa é a de reconstituir o texto de forma que seja o mais fiel possível ao original autoral com base nos

documentos textuais disponíveis”. A Crítica Textual tem o objetivo de restituir genuinamente o texto escrito, conservando a genuinidade do texto. Essa área do conhecimento contribui com a “recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura”, como também se ocupa da transmissão e preservação do patrimônio cultural, possibilitando a longevidade do texto, explica Cambraia (2005, p. 19).

Ademais, o texto é um documento dos fatos de língua. Telles (2000) explica que os estudos filológicos estão na intersecção de duas vertentes: a linguística, cujo objetivo principal é o estudo da língua, e a literatura, que estuda o valor literário e histórico do texto. Para a autora, os estudos filológicos,

hoje como sempre, buscam sintetizar todos esses aspectos, recorrendo a vários procedimentos e metodologias, sempre abertos a toda a gama de línguas e literaturas. A filologia utiliza a linguística para estudar os textos e a linguística usa os textos para descrever a língua (TELLES, 2000, p. 102).

No domínio dos estudos linguísticos, o registro escrito é usado como *corpus*, “isto é, fonte de dados para o conhecimento da língua” (CAMBRAIA, 2005, p. 20).

Afirma Cambraia que:

Uma descrição linguística só tem validade se, de fato, os textos adotados como fonte de dados espelharem o emprego efetivo da língua (ainda que apenas na sua modalidade escrita): textos com deturpações levam um linguista a considerar, como atestação de uma palavra ou de uma estrutura linguística algo que é simplesmente erro de cópia e que, portanto, não reflete o uso real da língua. (CAMBRAIA, 2005, p. 53)

Desse modo, para os textos usados como *corpus* terem valor, o linguista deve ter uma formação “ampla e variada” para realizar o trabalho de crítica textual. É preciso ainda ter conhecimento da língua do passado, o qual se dá por meio da leitura de textos “fidedignamente estabelecidos” (CAMBRAIA, 2005, p. 53).

Cada edição obedece a uma finalidade e deve se adequar a ela, pontua Cambraia (2005). Trabalhamos com a edição fac-similar ou mecânica, pois o grau de mediação do editor é nulo, pois a reprodução do texto ocorre por meio mecânico, como pela fotografia. Entretanto, Cambraia (1999, p.14) destaca: “quanto aos fac-símiles, fotografias ou cópias xerográficas, convém salientar que nem mesmo esses recursos são capazes de reproduzir com absoluta fidelidade as características de um original”. Sendo assim, para uma reprodução fiel das propriedades do original, alguns cuidados são importantes, como a iluminação e o uso de uma câmera de boa qualidade.

No decorrer desta pesquisa, depois de pronta a edição fac-similar, a realização da edição diplomática auxiliou-nos na leitura e compreensão dos dados extraídos dos textos. A escolha dessa edição deu-se devido à baixa mediação do editor no texto. Esta edição mantém todas as características originais do texto, como grafemas, abreviaturas e sinais (CAMBRAIA, 1999).

Na execução da edição diplomática é preciso seguir aos seguintes normas que, de acordo com Cambraia (2005), são importantes para a uniformização das edições textuais em língua portuguesa:

1. Os diacríticos serão transcritos como no original;
2. As linhas serão numeradas de cinco em cinco;
3. A acentuação será transcrita como no original;
4. A pontuação será transcrita como no original;
5. As maiúsculas e minúsculas serão transcritas como no original;
6. A ortografia original será transcrita como no original, não se efetuando nenhuma correção ou atualização;
7. As abreviaturas serão transcritas como no original;
8. Caracteres de leitura impossível serão precedidos pela cruz e o número de caracteres ilegíveis será indicado por pontos;
9. Caracteres de leitura duvidosa serão transcritos entre parênteses;
10. Caracteres apagados serão transcritos entre colchetes uncinados;
11. Separação vocabular indevida será transcrita fielmente;
12. Mudança de fôlio será informada na margem direita superior;
13. Qualquer outra particularidade será informada em nota.

### 3.5 Sociolinguística Histórica

Como relata Faraco (2005), a mudança é lenta e gradual, isto é, vai atingindo apenas partes da língua gradativamente, e, para compreendermos as influências e transformações que as línguas sofrem com o passar do tempo, desfrutamos de vários saberes como a filologia, que trabalha com a reconstituição de manuscritos antigos, a Linguística Histórica, a Sociolinguística e a Sociolinguística Histórica.

Como este estudo tem o objetivo de refletir sobre a variação das vogais médias pretônicas em documentos antigos, a Sociolinguística Histórica, que começou a se firmar como campo de investigação apenas nos anos 90, sugere a comunhão dos métodos de análise da Linguística Histórica com a Sociolinguística Variacionista. Aquela disciplina “busca estudar os fenômenos linguísticos, que ocorreram no passado, através de amostras de língua escrita, pois em períodos mais antigos a única fonte de dados disponível ao linguista são os registros escritos” (ROSA, 2005, p. 1). A precursora da Sociolinguística Histórica, Suzanne Romaine, testou e comprovou que “os métodos de análise variacionista podem ser aplicados não só em dados provenientes da língua falada como em dados de língua escrita” (ROSA, 2015, p. 8). Sabendo disso, é possível explicar as variações da língua que se fazem presente até os dias de hoje.

A Linguística Histórica contribui significativamente para a compreensão das influências e mudanças pelas quais a língua passou e passa; mudanças que auxiliaram a diversificar e desenvolver a língua. A Sociolinguística Histórica ampara o pesquisador na explicação das mudanças que ocorreram e ainda ocorrem em vocábulos no português atual, porque como explicam Paredes e Bueno, essa ciência:

[...] trata da interpretação das mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais, ao longo do tempo, por que passa determinada língua ou um conjunto de línguas ao serem usadas, respeitando a cultura de cada povo que a utiliza como meio de comunicação e o contexto geográfico e territorial em que esse povo está inserido. (PAREDES; BUENO, 2014, p. 67).

Monaretto (2005) relembra que o trabalho investigativo realizado no século XIX, em textos escritos, era realizado pelos métodos da Linguística Histórica com o objetivo de reconstruir os estágios anteriores da língua. Nos dias de hoje, por meio do registro escrito, os pesquisadores estão obstinados a descobrir indícios de variação que determinem como e quando as línguas mudam, levando em consideração a origem, a implementação e a propagação da mudança.

A seguir, o capítulo que trata da análise dos manuscritos.

#### 4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE

Como explicam Mattos e Mollica (1992), a análise variacionista permite que exploremos a coexistência de fatores linguísticos e extralinguísticos em dados atingidos pela variação. Dessa maneira, os dados não atingidos pela variação ficam excluídos da pesquisa. A análise de difusão lexical, por outro lado, leva em consideração os itens individualmente, “tornando possível estabelecer a relação entre os itens atingidos pela variação e os itens não atingidos, bem como identificar os parâmetros que regulam o universo lexical não atingido pela variação ou mudança”, ou seja, por que tais dados não foram atingidos pela variação (MOLLICA; MATTOS, 1992, p. 54).

Desse modo, realizamos neste estudo:

- a) Uma análise dos condicionadores internos dos fenômenos de harmônica vocálica (HV), alçamento sem motivação aparente (AL) e abaixamento vocálico (AB);
- b) Uma análise nos moldes da difusão lexical, pela frequência de uso dos itens lexicais nos textos, como também pela busca por explicações das variações na etimologia da palavra;
- c) Uma análise dos condicionadores externos que possam ter influenciado a variação grafemática.

Abaixo encontram-se os dados pertinentes a esta pesquisa.

Tabela 2 - Dados de pesquisa

<b>Harmonia Vocálica<sup>17</sup></b>	<b>Alçamento sem motivação aparente</b>	<b>Abaixamento Vocálico</b>
cimintério	dispezas – dispesa	certefico
corriligionario	Dispender	defeculdade
descubrir	Descoberta	destricto
discubrida	Milhor	derijo
fiminino		enemigo

<sup>17</sup> Foram consideradas palavras com vogal alta nas sílabas adjacentes.

Harmonia Vocálica <sup>17</sup>	Alçamento sem motivação aparente	Abaixamento Vocálico
ligitima		participação
mutivo		participar
recibi		vezinho
refirido		
refirir		
sirvir		
Total: 11	Total: 4	Total: 8

Fonte: a autora.

A análise está organizada da seguinte maneira: (a) análise das variáveis linguísticas (HV, AL e AB) de cunho neogramático; (b) análise da frequência dos itens lexicais e (c) análise dos fatores sociolinguísticos.

#### 4.1 Análise dos manuscritos: variáveis linguísticas

##### 4.1.1 Harmonia vocálica

Nossos dados mostram a aplicação da regra de harmonia vocálica tanto na pretônica anterior /e/ quanto na posterior /o/, como nas palavras abaixo:

- a) vogal anterior /e/: **fiminino, refirido, refirir, sirvir, ligitima, cimentério, corriligionário, recibi.**
- b) vogal posterior /o/: **mutivo, descobrir, discubrida** (descoberta).

Ao todo temos 11 dados: 8 com alçamento da média anterior /e/ e 3 com alçamento da média posterior /o/. Os dados enquadrados no processo de harmonia vocálica são aqueles com vogal alta na sílaba tônica e/ou nas sílabas pretônicas seguintes.

A seguir, apresentamos os fatores linguísticos que podem influenciar no alçamento das vogais médias pretônicas.

#### **a) Altura da vogal da sílaba precedente**

A altura da sílaba precedente pode favorecer o alçamento da vogal média pretônica (/e/ e /o/).

- 1) Vogal alta – **discubrida**, **Fiminino**;
- 2) Vogal média – **Corrigionario**, **descubrir**, **recibi**, **refirido**, **refirir**;
- 3) Vogal baixa – sem ocorrências;
- 4) Ausência de vogal precedente – **cimintério**, **servir**.

As vogais médias pretônicas alçaram e tornaram-se altas para ocorrer a concordância de altura.

#### **b) Altura da vogal da sílaba seguinte**

A altura da sílaba seguinte é o principal gatilho do processo de harmonia vocálica. Aqui enquadraremos todas as palavras com vogal alta nas sílabas adjacentes seguidas à pretônica alçada ou na sílaba tônica.

Em 8 palavras, a vogal subsequente à pretônica alçada corresponde à vogal média anterior /e/ e 3 casos em sílaba subsequente ou tônica em que aparece a vogal média posterior /u/. Analisamos casos em que o /e/ ou /o/ encontram-se em contexto homorgânico, como também não-homorgânico (**mutivo**, **descubrir**, **descubrida**).

#### **c) Contextos Fonológico Precedente**

De acordo com muitas pesquisas, o contexto fonológico precedente pode inferir direta ou indiretamente no alçamento da vogal média pretônica. O contexto precedente diz respeito ao tipo de consoante que precede a vogal gatilho. Os tipos de consoantes considerados neste trabalho são:

#### **Condicionadores da elevação de /e/:**

- 1) Consoante alveolar: **cimintério**, **ligitima**, **recibi**, **servir**;
- 2) Consoante dental: **discubrida**,



### **Condicionadores da elevação de /o/:**

- 1) Consoante bilabial: **mutivo**.
- 3) Consoante Velar: **descubrir, descubrida**.

### **d) Contexto Fonológico Seguinte**

O contexto seguinte diz respeito ao tipo de consoante que sucede a vogal gatilho. Os tipos de consoantes considerados neste trabalho são:

### **Condicionadores da elevação de /e/**

- 1) Consoante palatal: **legítima**
- 2) Consoante alveolar: **corrigionário, referido, refirir, servir;**
- 3) Consoante labial: **cimintério, fiminino, recibí**.

### **Condicionadores da elevação de /o/**

- 1) Consoante dental: **mutivo;**
- 2) Consoante labial: **descubrir, descubrida;**

Ao observar os dados listados, constatamos que o alçamento ocorre em palavras com vogal alta na sílaba seguinte e na sílaba tônica. Em palavras com mais de uma pretônica alta, como em **fiminino**, ocorre uma concordância de altura, o que favorece o alçamento das vogais.

Em seu estudo recente, Leal e Bisol (2017, p. 83) explicam que o processo aparece mais ativo na vogal anterior /i/ do que na vogal posterior /u/; lembram também que o contexto ideal de aplicação é a sequência imediata de alvo e gatilho e que a regra é propensa “a estender-se sem fazer pulos”. Além disso, “como regra variável está sujeita a fatores linguísticos e extralinguísticos, mas indubitavelmente atende a todos os requisitos de um processo de assimilação regressiva” (LEAL; BISOL, 2017, p. 83).

Tomando essas características como base, de acordo com Callou, Leite e Coutinho (1991), sua pesquisa já mostrava também que a vogal /i/ é um condicionador mais provável do que /u/, como podemos observar nos dados. O estudo também mostra o alçamento categórico das vogais em início de palavra e em hiato. Esta constatação é de concordância geral dos pesquisadores, por isso não enquadraremos neste estudo o alçamento em dados com vogais alçadas em início de palavra e em hiato.

Em relação as consoantes, verificamos que as alveolares aparecem em maior número nos dados com HV, como podemos ver na Tabela 3:

Tabela 3 – contexto fonológico precedente e seguinte (HV)

Média anterior /e/		Média posterior /o/	
<b>Contexto fonológico precedente</b>	4 dados com consoante <b>alveolar</b>	<b>Contexto fonológico precedente</b>	2 dados com consoante <b>velar</b>
<b>Contexto fonológico seguinte</b>	4 dados com consoante <b>alveolar</b>	<b>Contexto fonológico seguinte</b>	2 dados com consoante <b>labial</b>

Fonte: a autora.

Segundo Carneiro e Magalhães (2008, p. 6), que tomam como base os estudos de Bisol (1981), “a elevação pode ocorrer também pela presença de uma fricativa na coda da sílaba, geralmente o [s], ou de consoantes adjacentes como a oclusiva velar [k] e as bilabiais [b, m]”, o que pode explicar a harmonização nos vocábulos, como **discubrida**, **sirvir**, **fiminino**, **cimintério**, **mutivo**, etc.

Schwindt (2002) exprime que a motivação para o gatilho da HV refere-se primeiramente à vogal alta na sílaba seguinte, além de outros fatores que, associados à vogal alta, desencadeiam o alteamento da pretônica. Para o linguista, os condicionadores da elevação de /e/ e /o/ são: (a) vogal alta na sílaba adjacente; (b) posição inicial de palavra; (c) som palatal (**ligitimo**) e (d) antecedido ou não de labial. Como já citado, Schwindt (2002) constata que a vogal alta imediata tem maior poder de elevar a vogal pretônica, em consequência da relação de vizinhança; e as consoantes alveolares e palatais em contexto precedente e seguinte são as de maior influência na aplicação do processo de harmônica vocálica. Nesse caso, em nossos dados, constatamos que, em contexto precedente, são as alveolares que mais aparecem com o alçamento de /e/.

#### 4.1.2 Alçamento sem motivação aparente

Os dados mostram alçamento das vogais médias pretônicas tanto na pretônica anterior /e/ quanto na posterior /o/, como nas palavras abaixo:

a) **dispesa/dispezas, dispender, melhor;**

**b) descoberta.**

Ao todo temos 4 dados: três com alçamento da média anterior /e/ e um com o alçamento de /o/.

Consideramos esses dados como alçamento sem motivação aparente, pois não há um gatilho aparente para o alçamento da vogal pretônica, como nos casos de harmonia vocálica.

**a) Altura da vogal da sílaba precedente:**

1) Vogal média – descoberta.

Apenas em descoberta temos vogal em sílaba precedente à pretônica alçada. Nestes casos uma vogal média (e), contexto não-homorgânico.

**b) Altura da vogal da sílaba seguinte:**

Em três palavras consideradas com AL, a vogal subsequente à pretônica corresponde à vogal média anterior /e/. Houve um caso (melhor) em sílaba tônica em que aparece a vogal média posterior /o/. Analisamos casos em que o /e/ ou /o/ encontram-se em contexto homorgânico, como também não-homorgânico (melhor, descoberta).

Diferente dos dados com HV, não há nessas palavras um gatilho aparente (vogal alta) na sílaba subsequente à pretônica.

*Condicionadores para a elevação de /e/:*

**Contexto Fonológico Precedente**

- 1) Alveolar – **dis**pesa, **dis**pender;
- 2) Bilabial – **mil**hor.

**Contexto fonológico Seguinte**

- 1) Consoante palatal: **mil**hor;
- 2) Consoante alveolar: **dis**pesa, **dis**pender.

*Condicionadores para a elevação de /o/:*

**Contexto Fonológico Precedente**

- 1) Velar - **desc**uberta

## Contexto Fonológico Seguinte

### 1) Bilabial – descoberta

Tabela 4 – contexto fonológico precedente e seguinte (AL)

Média anterior /e/		Média posterior /o/	
Contexto fonológico precedente	2 dados com consoante <b>alveolar</b>	Contexto fonológico precedente	consoante <b>velar</b>
Contexto fonológico seguinte	2 dados com consoante <b>alveolar</b>	Contexto fonológico Seguinte	consoante <b>bilabial</b>

Fonte: a autora.

Em relação à Tabela 4, as consoantes que se mostraram mais favoráveis, com duas ocorrências, ao alçamento da média /e/, foram as alveolares /d/ e /s/, em contexto precedente e seguinte. No contexto fonológico precedente e seguinte de/o/, os contextos da elevação ocorreram pela velar /k/ e pela labial /b/. **Despesa** e **despender**, com o prefixo – des, alçaram por consoantes alveolares no contexto precedente e seguinte.

Bisol (2015) constata que o alçamento sem motivação tem como preferência a vizinhança com consoante **velar** ou **labial**, como podemos verificar em **descuberta** e **milhor**. Essa regra tende a privilegiar grupos de palavras, elucida Bisol (2015), em especial os verbos. A autora ainda constata em seus estudos que o alçamento sem motivação aparente é menos frequente em dados do sul do Brasil. Isso também é verdade em relação aos dados presente no *corpus*.

Assim como Bisol (2015), Machry da Silva e Biasibetti (2017) afirmam que fatores linguísticos podem provocar o processo de alçamento de maneira mais rápida, como o contexto seguinte **palatal** ou **velar**, mesmo não sendo “a força primária da propagação da mudança [...] aumenta a propensão para o processo se manifestar” (MACHRY DA SILVA; BIASIBETTI, 2017, p. 156). As autoras constaram, em sua pesquisa, que o processo não parece ser atuante quando há apenas contexto fonético favorável, como o contexto adjacente, mas sim quando há implementação pelo léxico, pois apenas determinados itens lexicais específicos (paradigmas) são atingidos e não palavras isoladas.

Carneiro e Magalhães (2008, p. 6), confirmam que “a elevação pode ocorrer também pela presença de uma fricativa na coda da sílaba, geralmente o [s], ou de consoantes adjacentes como a oclusiva velar [k] e as bilabiais [b, m]”.

Para Bisol (2015), a palavra **melhor** tem um contexto para a harmonia vocálica, assim como a palavra *descoberto*, nos nossos dados como **descuberto** e **descubrir** (*covrir~cubrir*). Bisol (2015, p. 196) revela que a motivação do alçamento de **melhor** está na consoante palatal lateral, “cuja constituição é ainda discutível, mas o que importa, no caso, é a semelhança quanto à percepção do som da lateral palatal com o som de **li**, a exemplo de *familia /filha* e *afilhar/afiliar*.”

Em relação às palavras *cuberta*, *encuberto*, *descuberto* e *milhor*, Bisol (2015) explica que “é comum em casos como esse estender-se o efeito de HV na base para todo o paradigma derivacional, embora se trate de uma regra de aplicação variável” (BISOL, 2015, p. 196). Desse modo, a elevação da pretônica nas palavras **descuberto**, **descubrir** (HV) e **descubrida** (HV) estende-se pelo paradigma derivacional, mesmo que em *descoberto* não tenha vogal alta em sílaba tônica.

#### 4.1.3 Abaixamento vocálico

Os dados mostram o abaixamento das vogais altas para médias apenas com pretônica anterior /e/, como nas palavras abaixo:

a) **certefico, defeculdade, dstricto, derijo, participação, participar, vezinho, enemigo.**

Constatamos dados com o abaixamento de /i/ apenas.

Ao todo temos 8 dados: todos com o abaixamento da vogal alta /i/.

a) **Altura da vogal da sílaba precedente:**

Vogal média – certefico, defeculdade, enemigo

Vogal baixa - participar, participação

c) **Altura da vogal da sílaba seguinte**

1) Vogal alta apenas.

Vogal alta anterior /i/ em 7 dados.

Vogal alta posterior /u/ em 1 dado.

#### d) Contexto Fonológico Precedente

- 1) Alveolar – **partecipar**, **participação**, **enemigo**
- 2) Labiodental – **vezinho**, **defeculdade**
- 3) Dental – **dstricto**, **defeculdade**, **certefico**, **partecipar**, **participação**.

#### e) Contexto fonológico Seguinte

- 1) Consoante alveolar: **dstricto**, **derijo**, **vezinho**, **partecipar**, **participação**
- 2) Labiodental: **defeculdade**, **certefico**
- 3) Labial: **enemigo**
- 4) Velar – **defeculdade**.

No tocante aos dados acima, as vogais que se mostraram favoráveis ao abaixamento da vogal alta /i/ correspondem à vogal média /e/, em **defeculdade** e **enemigo**. As duas vogais altas em posição pretônica tornaram-se médias para concordância de altura (assimilação). Encontramos vogal baixa apenas na sílaba precedente em **partecipar** e **participação**.

Os dados de pesquisa apontam o abaixamento das vogais em palavras com vogal alta na sílaba adjacente (**partecipar** – **participação**, **defeculdade**) e vogal alta na tônica (**certefico**, **derijo**, **vezinho**, **dstricto**, **enemigo**). Dulce Paiva (2008) conta que **inimigo** apresentava diversas grafias desde o século XV, como: *ymigo*, *imygo*, *emmigo*, *inimigo*, pois as vogais orais simples oscilavam frequentemente na passagem do latim para o português.

Os casos em que há vogal alta na sílaba seguinte ou tônica podem ser tratados como **hipercorreções**. Oliveira (1992) trata esses casos como reversão. O autor dá os exemplos de **menistro**, **intestino**, **anelina**.

Não podemos esquecer que por ser um processo semelhante ao de harmonia vocálica, o abaixamento deve apresentar contextos e regras semelhantes. Amaral (1996) utilizou, em sua pesquisa, os contextos favoráveis da elevação das vogais pretônicas. Nos dados coletados nesta pesquisa, não encontramos palavras com vogal baixa na sílaba seguinte à pretônica que sofreu abaixamento. Ao observamos os dados, parece que as motivações da HV e AB são as mesmas.

Amaral (1996, p. 102) sugere que a maior ocorrência de abaixamento vocálico, em relação às vogais altas diante das vogais médias, pode ocorrer devido ao fato de que “o fonema assimilado passa a ter os mesmos traços do fonema gerador do processo de assimilação, configurando-se numa assimilação total”, ou seja, nesses vocábulos há o contexto ideal para o abaixamento por assimilação, devido ao /e/ na sílaba seguinte. O autor

aponta também que “as variáveis importantes para o abaixamento de /i/ e /u/, são aquelas referentes à altura da vogal da sílaba seguinte, ao ponto de articulação da consoante precedente e ao tipo de sílaba átona ou tônica” (AMARAL, 1996, p. 102).

Na tabela 5, podemos ver que as consoantes alveolares estão presentes na maioria dos dados e podem ter influenciado o abaixamento das vogais.

Tabela 5 – contexto fonológico AB

<b>Média anterior /e/</b>	
<b>Contexto fonológico precedente</b>	6 dados com consoante <b>alveolar</b>
<b>Contexto fonológico seguinte</b>	6 dados com consoante <b>alveolar</b>

Fonte: a autora.

Amaral (1996, p. 116) confirma que “a alternância  $i \sim e$  e  $u \sim o$  pode ser provocada isoladamente por consoante vizinha, mesmo que não haja contexto para a aplicação da regra de harmonização vocálica”. O autor afirma que o procedimento de abaixamento do /i/ “está intimamente ligado à presença de consoante alveolar na vizinhança, podendo-se inferir, até, que a ocorrência desse tipo de alternância vocálica, mesmo por harmonização, dependa de sua presença”. As consoantes alveolares (t, d, s, z, n) favorecem o abaixamento de /i/ nos dados coletados. Das 8 ocorrências com abaixamento, 6 apresentam consoante alveolar nas adjacências.

#### 4.1.4 Frequência dos itens lexicais

Verificamos os casos de HV, AL e AB das vogais médias pretônicas de acordo com a frequência em que aparecem nos manuscritos. Consideramos os itens lexicais que apresentam fenômenos fonológicos relacionados às pretônicas, assim como os mesmos itens grafados sem o alçamento e o abaixamento das vogais. Como recomenda Viegas (1995), também buscamos explicações da variação na etimologia da palavra.

Leal e Bisol (2017) observaram a harmonia vocálica sob a perspectiva da Fonologia de Uso, de Phillips (1954), em que as palavras usadas com mais frequência são mais sensíveis à variação. Esta teoria considera duas categorias de frequência: a de ocorrência e a de tipo. “A primeira refere-se à ocorrência de determinado item lexical em um *corpus*, enquanto a última refere-se a um padrão na língua” (HAUPT, 2015, p. 100). Dependendo do fenômeno investigado, a frequência de ocorrência atinge primeiro palavras mais frequentes, como mudanças com bases fisiológicas/articulatórias, ou menos frequentes (casos de analogia ou casos que necessitam de análise fonológica, morfológica e sintática).

Assim, a análise da harmonia vocálica, no estudo de Leal e Bisol (2017), e os efeitos de frequência foram consideradas por dois modos: a) quanto a frequência de *tokens* (ocorrências) (BYBEE, 2010, p. 10-11): a frequência de *token* é a frequência de ocorrência de uma unidade, geralmente uma unidade no texto corrido – ou seja, estabelece-se com que frequência uma determinada palavra aparece no texto, isto é, são contadas todas as vezes que uma palavra aparece no *corpus*, observando assim a aplicação do processo, como o de harmonia vocálica na palavra, por exemplo; b) quanto à frequência de *types* (tipos de um dado padrão) que diz respeito a frequência de dicionário em um determinado padrão (BYBEE, 2010).

Na análise de *types*, as palavras são analisadas como em dicionários, explicam Leal e Bisol (2017, p. 84), em que “os verbos são apresentados no infinitivo, os substantivos e adjetivos aparecem em sua forma singular e no gênero masculino”. Haupt (2015) explica que a frequência tipo estabelece a produtividade de padrões fonológicos, morfológicos e sintáticos, “porque quanto maior o número de itens para uma determinada categoria, mais gerais serão seus traços e mais facilmente se estenderão a outros itens, promovendo, assim, generalizações” (HAUPT, 2015, p. 101).

A seguir, as tabelas com o número de ocorrência (*tokens*) dos dados. Nesta tabela consideramos os dados com HV e AL.



Tabela 6 – Número de ocorrência com alçamento da vogal e

<b>Itens lexicais</b>	<b>Número de ocorrências sem alçamento</b>	<b>Com alçamento da vogal</b>	<b>Total de ocorrências</b>
Cemitério	0	1	1
correligionário	0	1	1
Despender	0	1	1
despesa/despesas	2	2	4
Feminino	0	3	3
Legítima	2	1	3
Melhor	0	1	1
Recebi	2	2	4
referido	2	1	3
Referir	0	1	1
Servir	0	1	1
Total	8	15	23

Fonte: a autora.

Observando a tabela acima, verificamos:

- 13 dados que aparecem com alçamento da vogal pretônica /e/ - nomes e verbos – com *tokens* mais e menos frequentes;
- desses 13, 9 aparecem grafados sem alçamento;
- 6 nomes aparecem com a pretônica alçada;
- 4 nomes com contexto para HV (correligionário, feminino, legítimo e referido);
- 5 verbos que aparecem com a pretônica alçada;
- 4 verbos com contexto para HV (recebi, referir, servir, descobrir);
- despesa (4) e recebi (4) aparecem com os maiores números de ocorrências, são os que mais variam.

Tabela 7 – Número de ocorrência com alçamento da vogal o

<b>Itens lexicais</b>	<b>Nº de ocorrência sem alçamento</b>	<b>Com alçamento da vogal</b>	<b>Total de ocorrências</b>
motivo	1	1	2
descoberta	0	1	1
descobrir	0	1	1
Total	1	3	4

Fonte: a autora.

Observando a tabela acima, verificamos que:

- 1 nome com contexto para HV;
- 1 ocorrência com alçamento da pretônica;
- 1 ocorrência sem alçamento da pretônica.

Tabela 8 – Número de ocorrência com abaixamento de i

<b>Itens lexicais</b>	<b>Número de ocorrências sem abaixamento</b>	<b>Com abaixamento</b>	<b>Total de ocorrências</b>
certifico	0	1	1
dificuldade	0	1	1
dirijo	0	1	1
distrito	1	3	4
inimigo	1	1	2
participação	1	2	3
participar	1	1	2
vizinho	0	1	1
Total	4	10	14

Fonte: a autora.

Observando a Tabela 8, verificamos que:

- 8 dados com a vogal média pretônica abaixada;
- 3 verbos com abaixamento;
- 5 nomes com abaixamento;
- Maiores ocorrências: distrito (4); participação (3);
- Não há dados com o abaixamento da pretônica /o/.

Os dados listados nas tabelas 6, 7 e 8 são contados pelo número de ocorrências.

Observando as tabelas, as palavras **referido**, **recebi**, **legítima**, **feminino**, **despesa**, **distrito**, **participação** são as palavras com um maior número de ocorrências. Dessas palavras, 7 têm contexto favorecedor para HV, entretanto, distrito e participação, aparem grafadas com /e/ (casos de AB). Na palavra despesa a vogal e alça sem contexto explícito para HV, então é considerada como AL.

- **referido** - 3 ocorrências, sendo 1 com alçamento; o mesmo autor escreve 1 vez **refirido** com /i/ e no mesmo documento **referir** com e;
- **recebi** – 4 ocorrências, sendo 2 com /i/ pretônico na segunda vogal pretônica. Mesmo redator, documentos distintos;
- **legítima** – 1 ocorrência com alçamento; 2 sem alçamento. Em um mesmo texto temos legítimo e ligitimo; em outro texto legítimo;
- **feminino** – 3 ocorrências com alçamento; mesmo redator, mesmo documento;
- **referido** - 5 ocorrências, sendo 1 com alçamento; o mesmo autor escreve 1 vez **refirido** com /i/ e no mesmo documento **referir** com e.

#### Com alçamento sem motivação

- **despesa** – 4 ocorrências, 2 documentos distintos; 2 ocorrências com alçamento. Nos textos encontra-se **despesa** e **dispesa**.

#### Com abaixamento vocálico

- **distrito** – 3 ocorrências com abaixamento; 1 com mesmo autor e mesmo documento.
- **participação** – 3 ocorrências, apenas 1 com /e/ pretônico na segunda vogal; documentos distintos; autores distintos (ocorrências com abaixamento).

Com o número de ocorrências percebemos que os itens lexicais que mais alçam ocorrem pelo processo de HV e a vogal média /e/ varia muito mais que a vogal /e/ em todos os processos (HV, AL e AB).

Abaixo, a Tabela 9 com a frequência tipo (*type*) dos dados:

Tabela 9 - frequência tipo

Harmonia vocálica		Alçamento sem motivação aparente		Abaixamento vocálico	
Verbo (4)	Nomes (6)	Verbos (1)	Nomes (3)	Verbos (3)	Nomes (4)
Receber	Cemitério	Despender	Descoberta	Dirigir	Distrito
Servir	Referido		Melhor	Certificar	Dificuldade
Referir	Legítimo		Despesa	Participar	Inimigo
Descobrir	Feminino				participação
	Correligionário				
	Motivo				

Fonte: a autora.

A partir desta tabela, verificamos que existe uma maior ocorrência de tipo para o fenômeno de harmonia vocálica (4 verbos e 6 nomes) do que para o alçamento sem motivação aparente.

Em relação aos verbos, os únicos que se mostraram pertinentes foram:

- **Partecipar** em que constatamos **partecipado** e **participação**, todos com abaixamento da alta pretônica /i/;
- **Refirir** e **refirido** com a vogal alçada (HV);
- **Descubrir** que se estende para **descubrida** (descoberta) com alçamento da pretônica.

Esses verbos mostram que a variação pode alcançar palavras aparentadas, uma vez que essas palavras têm o mesmo radical. Percebemos também que existe instabilidade na escolha da vogal a ser grafada, como em palavras com o prefixo **-des** e **-dis**, como *dispender*, *despesa*, *distrito*, *dirigir*.

Oliveira (1992) aponta que o contexto fonético serve para estabilizar uma inovação e que é irrelevante como controlador do alçamento, pois não explica todos os motivos do alçamento das pretônicas. Sua justificativa está calcada nos pares de palavras que ora alçam ora não, como nas palavras listadas pelo autor: *senhor* – *sinhor*; *preciso* – *priciso*, etc. O autor chama de *flutuação fonética* casos legítimos de variação em que “podemos encontrar tanto [x] quanto [y] num mesmo ambiente. Nestes casos um determinado morfema aparece, realmente,

em duas composições fonéticas, num mesmo contexto” (OLIVEIRA, 1992, p. 35). Verificamos flutuação fonética em **legítimo – ligítimo, motivo - mutivo, despesa - dispesa**, por exemplo.

Há também a *flutuação alomórfica*, que Oliveira (1992, p. 35) chama de **casos falsos de variação** em que “um determinado morfema aparece em composições fonéticas diferentes em ambientes diferentes”. O pesquisador examina alguns verbos no dialeto mineiro e encontra interessantes casos em que formas verbais aparecem sempre com alçamento, enquanto outras nunca alçam, como *curri, currido* vs *correu, correndo, correr*. São esses casos que corroboram a ideia de Oliveira (1992, p. 36) de que a mudança é propagada lexicalmente e que cada dialeto terá palavras atingidas “**independente do contexto fonético**”. Oliveira (1992, p. 37) conclui que: “finalmente, podemos dizer que casos como ‘*curri*’ – ‘*correu*’ descartam a possibilidade de ser apenas por mero acaso que a maior parte das palavras com alçamento categórico contenha uma vogal alta”.

Na análise de Oliveira (1992), o autor trabalha com 12 informantes e seleciona palavras que ocorreram pelo menos 3 vezes na amostra de seus dados. De 26 palavras apenas 3 se enquadram, primeiramente, na categoria de flutuação fonética: **jogar, comigo e português**.

Oliveira (1992) lança a hipótese de que os itens lexicais que são afetados por mudanças sonoras apresentam certos traços característicos, como [+ **Comum**], [- **Elaborado**], [+ **Frequente**], que tendem a ocorrer em textos informais. São os itens lexicais com essas características que podem desencadear mudanças. Já palavras eruditas e especializadas são resistentes à mudança. Klunck (2007, p. 80), em sua pesquisa sobre o processo de alçamento sem motivação aparente, também concordou que os itens que mais alçam são “mais familiares, mais comuns e de uso frequente”, assim como fundamentou Oliveira (1992).

Oliveira (2003) defende que existem três fatores capazes de impedir as mudanças sonoras: os nomes próprios, reação contrária por parte de uma classe social e estilos formais de fala. No que diz respeito aos dados deste estudo, podemos constatar que o léxico se encontra preservado, porque a maioria dos documentos do *corpus* são manuscritos oficiais e administrativos, da Câmara Municipal de Santa Maria, e foram escritos por juízes, funcionários públicos, homens com instrução. Isso poderia explicar o número reduzido de variações ortográficas.

Para Oliveira (2003), formas antigas de nomes próprios tendem a ser preservadas, assim como itens lexicais usados em situações formais. Como afirma Oliveira (2003), o efeito de reação de uma classe social tem o poder de refutar mudanças iniciadas em camadas mais

baixas da sociedade. Palavras de estilo informais, como **melhor** grafadas com **i**, aparece apenas uma vez nos nossos dados. Alguns autores grifam a mesma palavra de duas formas distintas. Isso mostra a dúvida sobre qual forma escolher, possivelmente, devido à falta de uma regra ortográfica.

Em relação às palavras do nosso *corpus*, podemos formular as seguintes explicações para sua variação:

Viegas (1995) afirma que o contexto fonológico favorecedor juntamente com a frequência de uso atua diretamente no alçamento. Para a autora, os itens desprestigiados ou “desvalorizado socialmente” tendem a alçar mais, como a palavra **milhor**, que historicamente é grafada e falada dessa maneira. Feijó (1739), no século XVIII, em sua lista de palavras, corrige as palavras usadas de maneira “errônea”, como as que compõem o presente *corpus*: *descobrir, descoberto e não descobrido; referir e não refirir, melhor e não milhor*.

Bortoni, Gomes e Malvar (1992, p. 27) apresentam uma lista de correção de verbetes de Nunes de Leão (1576), cuja correção está atrelada “a um fenômeno de sanção social”, pois eram usados por indivíduos comuns e de baixa importância social. Nesta lista encontra-se, por exemplo, a palavra **milhor**. Teyssier (2007) confirma que esta palavra passa para **melhor** por reação erudita.

Bortoni, Gomes e Malvar (1992), a partir dos estudos sobre o galego-português de Maia (1986), mostram que **descobrir** vem de *discooperire*, e que Maia discute sobre a elevação de **o** em **uberta, descuberta e cumplare**, que não pode ser explicada pela vogal alta na sílaba adjacente, pois em **descuberta** também alçou. O alçamento da vogal, nesse caso, ocorreu por “processo analógico em relação às formas que apresentavam **i** na flexão: cooperio > cubro; cumpleo > cumpro, e daí **uberto, cumprir**, etc” (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 26 apud MAIA, 1986, p. 402-403). As autoras explicam que a causa do alçamento de **descuberta** pode ser devido à presença da consoante labial no contexto fonológico seguinte, entretanto, Bortoni, Gomes e Malvar (1992) chamam a atenção para o fato de que “apesar de apresentarem os mesmos ambientes, **cumprir** passou a ter realização categórica com **u**, o mesmo não tendo ocorrido com **descobrir** e **cobrir**” (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 26). Isto é, apresentam contexto fonético apropriado para a elevação, mas não alçam, ficando o contexto fonético em segundo plano. Dessa maneira, devido ao contexto apropriado para o alçamento, a variação se estende em palavras aparentadas. Existe contexto fonético apropriado, mas o resultado final da mudança, declaram

as autoras, não é regular. “Para ambientes semelhantes temos resultados diferentes no processo” (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 26).

Continuando a buscar explicações da variação das vogais pretônicas na história da palavra, verificamos que as palavras **dispender** e **dispesa** possuem o mesmo prefixo do latim –dis. *Dispender* vem do latim **dispendere** formado por –dis + pendere de “pegar, pesar”. Já *dispesa* do latim **dispensa**, particípio passado de **dispendere**. Este alçamento na grafia pode ser explicado, então, pela etimologia, pois na passagem do latim para o português houve abaixamento. No latim, o prefixo encontrava-se com vogal alta (–dis), entretanto, o alçamento pode ocorrer devido à consoante velar à labial na sílaba seguinte, pois o fenômeno do alçamento sem motivação aparente tem preferência pela vizinhança com esses tipos de consoante.

Por fim, a palavra **receber**, do latim *recipere*, mantém a mesma estrutura do latim (*recibi*). O verbo **descobrir** passou a ser pronunciado com /u/ pretônico, logo **descoberta** também. A mudança alcançou essa estrutura sonora, mas não podemos dizer que atingiu todas as palavras com esse contexto fonético.

#### 4. 2 Descrição dos documentos

Abaixo, apresentamos a descrição dos documentos que constituem esta pesquisa.

Em alguns documentos não estão especificados a ocupação do redator, o destinatário, a data, como também foi impossível decifrar algumas assinaturas. Sabemos a possível origem dos redatores devido informações contidas nos textos dos Arquivos ou das transcrições pertencentes ao PHRS.

**Documento 1 – Recibo**, coletado no Arquivo Histórico de Santa Maria, datado de 31 de dezembro de 1890, foi escrito pelo Fiscal do 3º Distrito de Santa Maria, de sobrenome Palma.

No documento está registrado o recebimento de 75.000 réis do Procurador da Intendência Municipal de Santa Maria. O documento pertence ao Fundo Junta Intendencial, época política da República.

Pouca variação consonantal e vocálica. Dados: *recebi*; *destrito*.

**Documento 2 – Recibo**, também datado de 31 de dezembro de 1890, foi assinado por Felipe Kümme Filho, possivelmente um fiscal da Câmara. Este manuscrito registra o recebimento de cem mil réis do procurador da Intendência Municipal referente à administração do cemitério.

Pouca variação consonantal e vocálica. Dados: recebi; distrito, cimitério.

**Documento 3 – Carta patente**, datada de outubro de 1841, é uma missiva destinada a Joao Manoel C., enviada por Luis Joaquim Caldeira, Juiz de Polícia do departamento de Polícia. Esta carta nomeia Joao Manoel para ser comandante da Polícia do 1º Distrito de *Serrito*. Sendo este recomendado por possuir “suficiente capacidade de desempenhar os deveres de comandante da policia”.

A escrita contém variações consonantais e vocálicas, acentuação nula, abreviaturas, palavras grafadas sem separação. Dados pertinentes a esta pesquisa: defeculdade, refirido e destrito.

**Documento 4 - carta de informação de serviço**, datado de 24 de outubro de 1841, foi escrito pelo mesmo autor do **documento 3** que informa a respeito da nomeação do novo comandante de polícia ao seu superior.

Dado pertinente à pesquisa: derijo.

**Documento 5 – carta**, de 26 de julho de 1840, sem local especificado, conta uma estratégia de uma possível evacuação. A carta é destinada ao Coronel João Antônio da Silveira.

Muitas abreviaturas, variações, ausência de pontuação. Dados pertinentes a esta pesquisa: mutivo, descuberta, participado.

**Documento 6 – prestação de contas**, de 28 de novembro de 1892, encontra-se assinado por três pessoas do sexo masculino, uma comissão. Neste caso, ocorreu uma mudança de punho do redator da carta para as assinaturas de Franklin Flores R<†.> Bemvindo Pires de Salles e Abelardo de A. Campos.

A comissão responde a um ofício com a prestação de contas das aulas públicas da cidade de Santa Maria ao Cidadão Intendente do Município. A comissão encarregada visitou e avaliou aulas mistas, aulas do sexo masculino e aulas do sexo feminino. Verificaram que faltam materiais para as aulas, como papeis, livros e reclamam da troca de professores.



O documento encontra-se bem escrito, baixo uso de acentuação, presença de consoantes geminadas e poucas trocas consonantais. Dados pertinentes: **f**iminino.

**Documento 7 – recibo**, de 27 de fevereiro 1890, escrito em Santa Maria, assinado por Manuel Vicente, é um documento em que consta o recebimento de certa quantia pelo cidadão da Intendência Municipal por serviços de mão de obra. O recibo é destinado à Intendência.

Texto com algumas trocas consonantais. Dado pertinente: **recibi**.

**Documento 8 – carta**, de janeiro de 1837. O autor refere-se à Feijo, ex-ministro do Império e refere-se também à reunião de Farroupilhas, como a outros acontecimentos. Não há um destinatário especificado.

Ausência de pontuação e acentuação. Muitas abreviaturas. Dado pertinente: **milhor**.

**Documento 9 – carta**, de 05 de fevereiro de 1904, assinado por Tranquilino Miranda, correligionário, que se dirige a outro correligionário a respeito da confirmação do auxílio da Intendência sobre algum assunto não revelado.

Texto com muitas trocas consonantais. Dado pertinente: **corriligionário**.

**Documento 10 – Carta – narrativa de guerra**, conta acontecimentos de guerra, como uma espécie de notícia dos dias em que aconteceram saqueadas, batalha e mortes. São citados pelo missivista, que não se autoneia, os nomes de Dom José com seu exército republicano; Dom Loiz; Dom José; General Mançilha; um sargento; Dom José Labalhega; Zeferino José Marquez, dentro outros. Local dos acontecimentos: Bagé, mas o redator cita Rosareo, São Sepé. Dias narrados com exatidão 20, 21, 21 de janeiro – fevereiro. Carta assinada no dia 24 de janeiro de 1824.

Variação vocálica encontrada: **enemigo** e **inimigo**.

**Documento 11 - apresentação do livro de atas da vizinhança**, de 14 de setembro de 1829, assinado por Jozé C., é uma breve apresentação do livro de assuntos da vizinhança da cidade de Cachoeira do Sul. Este texto é apresentado antes de uma série de atas.

Dado pertinente: **sirvir**.

**Documento 12 – ata**, de Cachoeira do Sul, assinada por três indivíduos do sexo masculino, registra a sessão extraordinária com os vereadores, no dia datada 27 de julho de 1852.

Ausência de acentuação, trocas consonantais e vocálicas. Dados úteis: participar; dispeza; despeza.

**Documento 13 – ata de batismo**, de 22 de outubro 1899, registro de batismos. Assinado pelo Vigário da Paróquia, Manoel Joaquim Alves Soares.

Ausência de acentuação. Dados pertinentes: legitimo e ligitimo.

**Documento 14 – prestação de contas**, datado de 11 de janeiro de 1887, assinado por três homens da comissão da Câmara Municipal de Santa Maria. Balancete contábil apresentado pelo procurador da Câmara.

Variações vocálicas. Dados pertinentes: refirir, dispesa, despesa, dispende.

**Documento 15 – recibo**, datado de 31 de maio de 1890, em Santa Maria, assinado por um homem do sexo masculino. Registro do valor recebido do procurador da Intendência.

Ausência de acentuação. Item pertinente: recibi.

**Documento 16 – ofício**, de 09 de abril de 1886, assinado por um indivíduo do sexo masculino. Documento destinado ao Presidente da Câmara Municipal de Santa Maria.

Ausência de acentuação. Item relevante: participação.

**Documento 17 – carta**, de 7 de agosto de 1890, assinado por Lizardo Nunes d'Abreu, professor público. Neste documento, o professor refere-se aos cidadãos da Intendência Municipal de Santa Maria, a respeito da frequência dos alunos do mês de julho.

Encontros consonantais impróprios. Item relevante: destricto.

**Documento 18 – certidão de batismo** de Elisa Lydia, de 14 de julho de 1884, Santa Maria. Escrita por Frederico Pochemann, pastor evangélico. Contém dados do recém-nascido e dos familiares.

Encontros consonantais impróprios, consoantes geminadas. Itens relevantes: certefico; legitima; referido.

**Documento 19 – escritura** de um terreno da cidade de Santa Maria, datada de junho de 1872, assinado por um escrivão, (nome ilegível) sobrenome Lara Ribas.

Itens relevantes: destricto; participação; referido.

A seguir, a Tabela 10, com informações dos manuscritos e dos redatores.

Tabela 10 – informações dos manuscritos e redatores

<b>Tipo de documento</b>	<b>Região</b>	<b>Período/ano</b>	<b>Dados sociolinguísticos dos redatores</b>
1 – recibo	Santa Maria/AHMSM	31 de dezembro de 1890	Fiscal do 3º Distrito; sexo masculino; brasileiro.
2 – recibo	Santa Maria/AHMSM	31 de dezembro de 1890	Felipe Kummel Filho; fiscal, sexo masculino; brasileiro.
3 - carta patente	Canguçu/AHRS	24 de outubro de 1841	Autor português; Luis Joaquim Caldeira; Juiz de polícia; sexo masculino.
4 - carta de informação de serviço	Porto Alegre/AHRS	24 de outubro de 1841	Luis Joaquim Caldeira; juiz de polícia; sexo masculino.
5 – carta	Sem Local/AHRS	26 de julho de 1840	Autor português; sexo masculino.
6 - prestação de contas	Santa Maria/AHMSM	28 de novembro de 1892	Assinado pela comissão; sexo masculino; brasileiros.
7 – recibo	Santa Maria/AHMSM	27 de fevereiro de 1890	Manoel Vicente; sexo masculino; brasileiro.
8 – carta	Sem Local/AHRS	Janeiro de 1837	Sem assinatura; autor português.
9 – carta	Dom Pedrito/PHRS	05 de fevereiro de 1904	Tranquilino Miranda; correligionário.
10 - Carta – narrativa de guerra	autor cita várias cidades do RS/AHRS	20 de janeiro de 1824	possivelmente um militar; sexo masculino.
11 - apresentação do livro de atas da vizinhança	Cachoeira do Sul/AHCS	14 de setembro de 1829	Jozé C.; sexo masculino, brasileiro.
12 - ata	Cachoeira do Sul/AHCS	27 de julho de 1852	Três assinaturas; sexo masculino; brasileiros.

<b>Tipo de documento</b>	<b>Região</b>	<b>Período/ano</b>	<b>Dados sociolinguísticos dos redatores</b>
13 - ata de batismo	Cachoeira do Sul/AHCS	22 de outubro 1899	Vigário Manoel Joaquim Alves Soares, sexo masculino, brasileiro.
14 - prestação de contas	Santa Maria/AHMSM	11 de janeiro de 1887	Assinado por 3 homens da Câmara Municipal de Santa Maria; brasileiros.
15 - recibo	Santa Maria/AHMSM	31 de maio de 1890	Sexo masculino; brasileiro.
16 - ofício	Santa Maria/AHMSM	09 de abril de 1886	Sexo masculino; brasileiro.
17 - carta	Santa Maria	7 de agosto de 1890	Lizardo Nunes d'Abreu; professor público; sexo masculino.
18 - certidão de batismo	Santa Maria/CMED	14 de julho de 1884	Frederico Pochemann; pastor evangélico; sexo masculino, brasileiro.
19 - escritura	Santa Maria/CMED	junho de 1872	Sexo masculino, brasileiro.

Fonte: a autora.

#### 4.3 Variáveis extralinguísticas

Nesta análise, consideramos os seguintes fatores de dimensão social, a fim de compreender a escolha grafemática dos redatores: a) região geográfica b) classe socioeconômica (ocupação do redator); c) Origem: portugueses e brasileiros; d) Sexo; e) período em que os documentos foram escritos. Esses fatores sociais podem influenciar o condicionamento fonético (LABOV, 2008).

### 4.3.1 Região geográfica

Locais: Santa Maria, Cachoeira do Sul, Porto Alegre, Cangussú (doc.3), Sem localização exata (3 documentos).

A maioria dos documentos são de Santa Maria e fazem parte do Arquivo Histórico da cidade, como também da Casa de Memória Edmundo Cardoso. A cidade de Santa Maria, localizada na região central do Rio Grande do Sul foi fundada em 6 de abril de 1876. O município tem origem indígena, portuguesa e espanhola. Os manuscritos são em sua maioria de ordem administrativa da cidade.

Cachoeira do Sul foi o quinto município criado no Rio Grande do Sul. Foi ocupada por soldados portugueses no século XVIII, a partir de 1750. Mais tarde, em 1779 índios guaranis foram aldeados no local. Imigrantes alemães chegaram em 1857. Tornou-se uma cidade apenas em 15 de dezembro de 1859. Os documentos escritos em Cachoeira do Sul são atas de reuniões e batismo.

A cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, começou a ser povoada em 1752 por casais açorianos. Em 26 de março de 1752 foi oficialmente formada. Começou a ser habitada por alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses a partir de 1824.

O documento 3 foi escrito em *Cangussú*, cidade localizada na Serra do Sudeste, começou a ser povoada na segunda metade do século XVIII por portugueses e nacionais. O manuscrito pertencente a esta cidade reflete uma batalha sangrenta, acontecimento comum naquela região, no século XVIII, entre portugueses e espanhóis.

As diferentes regiões não influenciam na maior ou menor ocorrência dos processos fonológicos de HV, AB e AL.

### 4.3.2 Ocupação

Em relação ao item b) ocupação dos redatores, em que damos ênfase a ocupação profissional dos redatores, encontramos:

- 1) Fiscais (doc. 1, 2, 7 autores de recibos);
- 2) Juiz de polícia (doc. 3, 4 autor da carta patente e de uma carta de informação de serviço);
- 3) Possível militar (doc 5, 8, autor de uma carta, doc. 10 narrativa de guerra);

- 4) Funcionários da administração do Município de Santa Maria (doc. 6, doc. 15, doc. 16);
- 5) Correligionário (doc. 8)
- 6) Funcionários da Câmara de Vereadores (doc. 12)
- 7) Vigário (doc. 13);
- 8) Procurador da Câmara Municipal de Santa Maria (doc. 14);
- 9) Professor público (doc. 17);
- 10) Pastor evangélico (doc. 18);
- 11) Escrivão (doc. 19).
- 12) Documentos sem identificação profissional: doc. 1

Documentos em que há mais formas com variações das vogais pretônicas: doc. 3 (3 palavras), escrita por um juiz de polícia (defeculdade, refirido e destrito). Entretanto, o documento 10, que foi escrito por um militar contém muitos lapsos de escrita, como trocas consonantais, ausência de pontuação, variações relacionadas a ditongos e hiatos, consoantes geminadas, abreviaturas. Em relação aos fenômenos considerados nesta pesquisa, encontramos variação vocálica em **enemigo** e **inimigo**.

Sendo assim, a ocupação dos redatores não está diretamente relacionada à quantidade de ocorrências dos fenômenos de HV, AL e AB.

#### **4.3.3 Origem**

Em relação ao item c) origem dos redatores, podemos constatar que 3 autores são portugueses devido a informações contidas nos Arquivos e textos (doc. 3, 5 e 8).

Nacionalidade totalmente desconhecida: doc. 15, 16, 19 (sem assinatura e sem informações).

A presença de autores portugueses confirma o contexto histórico-social do Rio Grande do Sul e do Brasil no século XIX. Os três documentos assinados por autores portugueses são cartas em um contexto de guerra, como os documentos 5 e 8. O documento 3 refere-se a uma nomeação expedida por um Juiz de Polícia português. Este documento contém mais ocorrências (3) de variações vocálicas (harmonia vocálica e abaixamento).

#### 4.3.4 Sexo

Em relação ao item d) sexo, podemos constatar que as mulheres não possuíam cargos importantes na sociedade. Não encontramos manuscritos escritos por mulheres, pois elas não costumavam escrever e não tinham muito acesso à escolarização, como também não costumavam trabalhar fora; na carta 6, é mencionado que as mulheres exerciam o cargo de professor.

Observamos uma possível insegurança linguística devido à dificuldade do redator em escolher o item lexical “correto/apropriado”. Em um momento, por exemplo, o autor (doc. 14) escolhe grafar a palavra *despesa* e, em outro, *dispesa*, por exemplo; o mesmo ocorreu com *legítimo* e *ligitimo*. Essa variação ortográfica documentada nos textos pode ter ocorrido devido ao contexto socio-histórico em que viviam. Um contexto em que não havia uma norma padrão oficial que prevalecesse, então refletiam a fala.

#### 4.3.5 Período

Em relação ao item e) período, sabemos que os documentos são datados de 1824 a 1904. Eles percorrem o período da República Velha (1889 – 1930) no Brasil. No Rio Grande do Sul, nos períodos datados nos manuscritos, ocorreram muitas guerras e imigrações (italianos, alemães e portugueses), como no doc. 10 – narrativa de guerra. As guerras e batalhas se estenderam por todo esse período, como a Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha, que durou dez anos, de 1835 a 1845, devido ao palco de disputas entre portugueses e espanhóis desde o século XVII. Guerra do Uruguai, de 1864 a 1870 e a Revolução Federalista, de 1893 a 1895, durante o governo de Floriano Peixoto.

Este fator diz muito a respeito da escrita da época. A ausência de uma norma ortográfica oficial pode ter interferido na escolha das vogais e a fala pode ter influenciado na escrita.

Ao observamos os documentos, concluímos que:

- os autores são todos do sexo masculino, pois mulheres não tinham cargos importantes na sociedade;
- há 3 autores portugueses com uma escrita que reflete os processos fonológicos estudados;

- A maioria dos redatores são instruídos devido a profissões (juiz, vigário, oficiais da Câmara Municipal, professor, correligionário, fiscal, etc.), o que explica a baixa ocorrência de variações das vogais médias pretônicas;
- Nos documentos 10, 12, 13 e 14 os redatores utilizaram 2 grafias distintas para uma mesma palavra;
- As variações grafo-fonéticas são motivadas pela interferência da fala e ausência de uma norma ortográfica oficial.
- O léxico encontra-se preservado, possivelmente pela instrução/profissão dos redatores dos documentos, como também pelo tipo de documento (administrativo, ata, ofício).

#### 4.4 Repensando as teorias

Ao analisarmos os dados e os três processos fonológicos que abarcam esta pesquisa, podemos concluir que a teoria neogramática abriu portas para a compreensão do ambiente fonológico da mudança e variação linguística. Na ótica neogramática, a mudança é entendida como regular e sem exceções, em que se aplica um determinado som em um determinado ambiente. Tais exceções são apresentadas como empréstimos de outras línguas ou analogias.

Com pesquisas sobre processos fonológicos relacionados às vogais médias pretônicas, de Bisol (1983; 2013; 2015) e Schwindt (2002), de natureza neogramática, foi possível estudar as variações diacrônicas. Os casos de harmonia vocálica, por exemplo, possuem um gatilho evidente que possibilita a assimilação das vogais. Os casos de abaixamento podem ser explicados pelo contexto consonantal (consoantes alveolares, por exemplo) que favorecem o abaixamento, pela assimilação dos traços das vogais, uma vez que é um processo semelhante à harmonia vocálica.

O processo de alçamento sem motivação aparente atinge grupo de palavras, como explica Bisol (2015), e pode ser influenciado pelo contexto consonantal, mas não há um contexto fonológico aparente favorável ao alçamento da pretônica, como a harmonia vocálica. Dessa maneira, a teoria da difusão lexical reforça a análise, pois nos dá embasamento para verificarmos os itens individualmente na busca por explicações que vão além do contexto fonológico. Neste estudo, aplicamos esses conhecimentos no caso de palavras que apresentam o alçamento e abaixamento das vogais sem contexto fonético-fonológico apropriado; o caso, por exemplo, de palavras que já vieram do latim com a vogal alçada ou abaixada; o condicionamento lexical pode ser explicado conforme análise diacrônica da palavra por meio



da busca por sua história e origem. Bisol (2015) e Machry da Silva e Biasibetti (2015), que tratam do alçamento sem motivação aparente, sugerem que esse processo pode ser explicado por um fator de ordem lexical, uma vez que atinge paradigmas específicos e palavras aparentadas.

A aplicação de um modelo teórico não exclui o outro, como a difusão lexical não exclui a possibilidade do condicionamento fonético, entretanto, se o condicionamento fonético não dá conta da mudança, o modelo de difusão lexical contribui para esclarecer o motivo pelo qual alguns itens não são atingidos pela variação. Assim, recorreremos à análise de frequência da palavra e a frequência de paradigmas, como auxiliam Viegas (1995) e Machry da Silva e Biasibetti (2017), pois a propagação desse processo pode estar atrelada a essas questões.

Ademais, utilizamos uma análise de natureza neogramática para verificar as variações das pretônicas por meio da análise da estrutura interna e social, pois acreditamos que a história interna e externa da palavra auxilia na explicação da variação e mudança linguística. Labov considera a mudança sonora (NEO) e a lexical (DL) como legítimas, cada uma executando diferentes papéis propostos pelo sistema linguístico (SILVA, 2009).

## 5 CONCLUSÃO

Como exprime Callou (2009), na primeira *Gramática da Linguagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira, datada de 1536, é possível perceber a ideia de heterogeneidade linguística, de variação e de mudança linguística que estão presentes em seu conteúdo. “A mudança é concebida como natural e intrínseca à língua e a diversidade não se limita a tempo e espaço” (CALLOU; BARBOSA, 2009, p. 126).

No século XIX, a língua escrita, com suas normas e preceitos já estabelecidos desde o século XVI, embora ainda não sistematizada, apresentava mudanças em progresso e variações fonológicas comuns no português moderno. A variação das vogais pode ser um reflexo da fala e pode ser constada em textos antigos escritos em língua portuguesa.

Nesta pesquisa, no capítulo 1, discorremos sobre a língua portuguesa, sua periodização e ortografia, como também a importância do estudo de registros escritos antigos em pesquisas de variação e mudança linguística. Em seguida, no capítulo 2, dissertamos sobre os processos fonológicos envolvidos nesta pesquisa, sobre as vogais do português arcaico e do português brasileiro. Discorremos sobre as duas teorias de mudança linguística que envolvem este trabalho, a neogramática e a difusão lexical, assim como pesquisas de natureza neogramática e difusionista. No capítulo 3, expomos a metodologia que utilizamos no desenvolver deste estudo. No capítulo seguinte, 4, apresentamos os dados e analisamos os manuscritos. Primeiro, uma análise dos condicionadores internos dos fenômenos de harmônica vocálica, alçamento sem motivação aparente e abaixamento vocálico; em seguida uma análise nos moldes da difusão lexical, pela frequência de uso dos itens lexicais nos textos, como também pela busca por explicações das variações na etimologia da palavra e, por fim, uma análise dos condicionadores externos que possam ter influenciado a variação das vogais médias pretônica nos textos escritos.

Ao refletir sobre esta pesquisa, constatamos que a variação das vogais médias pretônicas ocorre nos itens lexicais em contextos fonológicos com um certo tipo de regularidade (casos de HV, AB); assim como em palavras com alçamento e abaixamento sem contexto favorecedor explícito; todos os casos de HV podem ser explicados pelo gatilho principal (vogal alta); os caso de AB sempre ocorrem com a vogal alta na sílaba adjacente; os casos de AL podem ser explicados pelas consoantes adjacentes e pelo grupo de palavras a que pertencem; aparecem dados com contexto para alçamento, mas não alçam em sua maioria (preservação do léxico) e as explicações das oscilações gráficas das vogais médias pretônicas também podem ser embasadas no contexto socio-histórico em que os textos foram escritos.

Em relação aos redatores e ao tipo de documentação, o léxico não apresenta muita variação. Nos manuscritos encontramos reflexos de variações realizadas no léxico brasileiro: variações aparentes ainda hoje, variações que ocorrem em determinadas variedades do português e variações pouco praticadas no Rio Grande do Sul. Constatamos que existiam formas divergentes de grafia para uma mesma palavra; a escolha do redator é realizada por formas alternantes (dispesa – despesa, legítimo - ligitimo), como também por formas que não se alternam.

Acreditamos que a história interna e a história externa da língua agem conjuntamente no mecanismo da mudança linguística. Dessa maneira, para uma melhor compreensão da variação das vogais médias pretônicas em documentos dos séculos XIX e início do XX.

Em relação as contribuições das teorias neogramática e de difusão lexical, julgamos ser necessárias para abrir horizontes nas pesquisas sobre variação e mudança linguística.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. I. C. O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha. 1996. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Pelotas, 1996.
- ARQUIVO HISTÓRICO DE CACHOEIRA DO SUL. Disponível em: <<http://arquivohistoricodecachoeiradosul.blogspot.com/>>. Acesso em 20 set. 2018.
- ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Disponível em: <<http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico>>.
- BARBOSA, J. S. **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados à nossa linguagem**. Lisboa: Tipographia da Academia das Sciencias, 1822. Disponível em: <[http://purl.pt/128/5/1-296-v\\_PDF/1-296-v\\_PDF\\_24-C-R0072/1-296-v\\_0000\\_capa-guardas2\\_t24-C-R0072.pdf](http://purl.pt/128/5/1-296-v_PDF/1-296-v_PDF_24-C-R0072/1-296-v_0000_capa-guardas2_t24-C-R0072.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2018.
- BARBOSA, A. G. **Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII**. In: LIMA, I. S.; CARMO, L. do (Org.). História social da língua nacional. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 181-211, 2008. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB\\_Historia\\_social\\_da\\_lingua\\_nacional.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_Historia_social_da_lingua_nacional.pdf)>. Acesso em 17 dez. 2017.
- BELLOTTO, H. L. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial, 2002.
- BENÇAL, D. R.; ALTINO, F. C. Manuscritos novecentistas da cidade de Castro - PR - o caso do alçamento. **Signum**, Londrina, v. 1, n. 18, p. 70-101, jun. 2015.
- BISOL, L. A variação da pretônica na diacronia do português. **Letras de Hoje**, v. 18, n. 4, p. 81-97, 1983.
- \_\_\_\_\_. Harmonização vocálica: efeito parcial ou total. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013.
- \_\_\_\_\_. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. **Delta**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 185-205, 2015.
- BORTONI, S. M; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1992.
- BRESCANCINI, C. R. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: Bisol, L.; Brescancini, C. (org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BYBEE, J. L. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAGLIARI, L. C. A escrita na gramática de Jerónimo Soares Barbosa. **Grupo de Estudos Linguísticos**, v. 1, n. 10, p. 93-97, 1985.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas: UNICAMP, p. 103-111, 1994.

CALLOU, D.; BARBOSA, A. G. Fernão de Oliveira: Gramática e (Socio)linguística. **Estudos**, Salvador, v.37-38, p. 53-70, 2009.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 71-8, 1991.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2ªed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CAMBRAIA, C. N. **Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos linguísticos**. In: I seminários de filologia e língua portuguesa, 1999.

\_\_\_\_\_. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, A. H.; ANDRADE, E. A. De. Características ortográficas da língua portuguesa: século XVIII ao XX. **Philologus**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 18, maio/ago. 2012.

CARNEIRO, D. R.; MAGALHÃES, J. S. DE. O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4135/3082>>. Acesso em 17 out. 2017.

CARMO, M. Cristina do. As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista. 2009. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - São José do Rio Preto, 2009.

CASTRO, Ivo. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CASA DE MEMÓRIA EDMUNDO CARDOSO. Disponível em: <<https://casamemoriaedmundo.wordpress.com/>>. Acesso em 01 nov. 2018.

CHEN, M.; WANG, W. S-Y. Sound change: actuation and implementation. **Language**, v. 51, n.2, p.255-281, 1975.

CRISTÓFARO SILVA. T. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 2002.

COSTA, E. P. F. S. et al. Banco de dados de textos escritos: português histórico do Rio Grande do Sul (PHRS). In: SILVA, J. P. (Org.). **Crítica textual e edição de textos, interagindo com outras ciências**. Curitiba: Appris, 2012.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1969.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon: 2010.

COSTA, E. P. F. S.; KELLER, T. Harmonia vocálica em registros antigos do português. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 39, out/dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Português histórico do Rio Grande do Sul: fontes para pesquisa. **RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 153, p. 37-51, dez., 2017.

DIAS, A. L. C, Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica. **Mediação**, Pires do Rio, v. 10, n. 1, p. 120-134, jan/dez. 2015.

DONADEL, G. **Grupos consonantais impróprios: estudo diacrônico com base em gramáticas**. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FONTE, J. S. **Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

\_\_\_\_\_. O vocalismo átono na história da língua portuguesa. **Alfa**, São Paulo, v. 61, n.1, p. 169-199, 2017.

GOMES, C. A.; MESQUITA, C.; FAGUNDES, T. D. S. Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do Rio de Janeiro. **Diacrítica**, Braga, v. 27, n. 1, p. 153-173, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S080789672013000100006](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S080789672013000100006)>. Acesso em: 19 abr. 2018.

GONÇALVES, M. F. **Madureira. Feijó, Ortografista do Século XVIII - Para uma História da Ortografia Portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

GONÇALVES, M. F. A Ortografia Nacional (1904) de Gonçalves Viana e as ideias ortográficas dos reformistas sul-americanos. **Revista Eutomia**, v. 2, n. 3, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1694/1283>>. Acesso em 20 fev. 2018.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/historia>>. Acesso em 20 set. 2018.

GUIMARÃES, E. Enunciação e políticas de línguas no Brasil. **Letras**, Santa Maria, n. 27, p. 39-46, dez. 2003.

\_\_\_\_\_. Brasil: país multilíngue. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, 2005. Disponível em <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=0009-672520050002&script=sci\\_issuetoc](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=0009-672520050002&script=sci_issuetoc)>. Acesso em 25 abr. 2017.

HAUY, A. B. Séculos XII, XIII e XIV. In: SPINA, S. (Org.). **História da língua portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

HAUPT, C. Uso variado de [ay] e [a] na fala florianopolitana – uma análise a partir da fonologia de uso. **Working Papers em Linguística**, v. 16, n. 1, p. 98-119, Florianópolis,

jan./jul., 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n1p98>>. Acesso em 10 nov. 2018.

HRICSINA, J. Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno (tentativa da verificação in corpora). **Études romanes de Brno**, Brno, v. 34, n. 2, p. 205-225, jan./dez. 2013. Disponível em: <<https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/127331>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

ILARI, R. **Linguística Românica**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2009.

KELLER, T.; COSTA, E. P. F. A instabilidade das vogais médias pretônicas em cartas pessoais do Rio Grande do Sul do século XIX. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 4, n. 12. p. 61-72, 2014. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014020949.pdf>>. Acesso em 01 out. 2015.

LABOV, W. On the mechanism of linguistic change. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Hold, Rinehartand Winstion, 1972.

\_\_\_\_\_. Building on empirical foundations. In: W. L.; Y. M. **Perspectives in Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, p. 17-82, 1982.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change**. Internal Factors: volume 1. Oxford & Cambridge: Blackwell Publishers Inc., 1994.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LASS, R. **Historical Linguistics and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LEAL, E. G.; BISOL, L. Frequência de uso: tokens e types na harmonia vocálica. **ReVel**, n. 14, p. 92-14, 2017. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10183/172810>>. Acesso em 30 abr. 2018.

LIMA, J. A. de. **Análise do sistema ortográfico do português brasileiro em cartas do séc. XIX**. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MACHRY DA SILVA, S.; BIASIBETTI, A. P. C. S. O papel do léxico no alçamento sem motivação aparente nas vogais médias pretônicas do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 151-178, 2017.

MAGALHÃES, J. Alçamentos das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. 1, p. 35-51, 2013.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia**. São Paulo/Bahia: Contexto/Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.

\_\_\_\_\_. Orientações atuais da linguística histórica brasileira. **Delta**, v.15, p. 147-166, 1999.

MOLLICA, M. C.; MATTOS, P. B. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 53-64, jul./dez., 1992

MONARETTO, V. N. O. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3. 2005. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/13698/9086>>. Acesso em 01 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Valor fonético das vogais médias postônicas em jornais oitocentistas gaúchos. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 77-98, 2013.

OLIVEIRA, F. de. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. Lisboa: 1956. Disponível em: < <http://purl.pt/120>>. Acesso em 21 mar. 2018.

OLIVEIRA, M. A. de. Aspectos da difusão lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jul./dez. 1992.

\_\_\_\_\_. A Controvérsia Neogramática reconsiderada. In: ALBANO, E.; COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S.; ALKIMIM, T. (Org.). **Saudades da Língua**. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, p. 605-620. 2003.

\_\_\_\_\_. Nem tudo que reluz é ouro: a língua escrita e a mudança linguística. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 16, 2005.

OLIVEIRA, M. A. de.; LEE, S. H. Teoria fonológica e variação linguística. **Estudos da Linguagem**, v. 3, n. 1, 2006.

PAIVA, D. F. Século XV e meados do século XVI. In: SPINA, S. (Org.). **História da língua portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

PAREDES, L. C.; BUENO, E. S. D. S. A inter-relação entre a sociolingüística e lingüística histórica na compreensão das variações da língua. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 5, n. 13, 2014.

PITA, L. F. D. Ortografia da língua portuguesa: algumas considerações. **Idioma**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 64-74, 2001. Disponível em <[http://www.institutodeletras.uerj.br/revidioma/21/idioma21\\_a09.pdf](http://www.institutodeletras.uerj.br/revidioma/21/idioma21_a09.pdf)> . Acesso em 20 abr. 2018.

PONTES, I. et al. Alçamento, abaixamento de [e, o] e ditongação de hiatos em atlas linguísticos regionais. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 1, n. 7, p. 107-121, jun. 2004.

REZENDE, F. A. **O processo variável de abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo - SC**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013.

RIBEIRO, M. P. Ortografia portuguesa -caminhos e incertezas. **Idioma**, Rio de Janeiro: n. 19, 1997. Disponível em:<



[http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/19/idioma19\\_a11.pdf](http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/19/idioma19_a11.pdf)>. Acesso em 23. Fev. 2018.

ROCHA, F. M. V. Variação das vogais pretônicas em cartas de um casal não-ilustre de 1930. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 52-77, jul./dez. 2015.

ROSA, E. Sociolinguística histórica. **Revista de Letras**, v. 17, n. 21, Curitiba: UTFPR, 2015.

SEARA, C. I.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SEVERO, C. G. Estilo, variação linguística e discurso. In: **Variação Estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. GÖRSKI, M. E.; COELHO, I. L. SOUZA, C. M. N. de. (Org.). Coleção Linguística. Florianópolis: Insular, 2014.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: Bisol, L.; Brescancini, C. (org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G. Harmonia variável no sistema verbal do português do sul do Brasil. **Organon**, Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 73-81, 2004.

SILVA, D. M. da. **Origem e desenvolvimento das idéias lingüísticas de William Labov**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2009.

SILVA, M. B. Pistas de mudanças fonéticas na ortografia do português. In: LOBO, T. et al. (Org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012.

SILVEIRA, G. da. **O apagamento da vibrante na fala do sul do Brasil sob a ótica da palavra**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

TELLES, C. M. Mudanças linguísticas e crítica textual. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 25-26, p. 91-119, jan./dez. 2000.

TELLES, C. M.; LOSE, A. D. Escrita e fala: o que ensinam os textos não literários. **Línguas e Letras**, v. 11, n. 20, Cascavel: UNIOESTE, 2010.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VASCONCELOS, C. A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Contribuição da filologia e da crítica textual para o estudo de documentos manuscritos de Paranaguá. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 1, n. 15, p. 335-356, jun. 2012.

VIEGAS, M. C. O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 101-123, jul./dez. 1995.

WIEDEMER, M. L. Introdução aos conceitos básicos da sociolinguística. In: Círculo fluminense de estudos filológicos e linguísticos, 2009, Rio de Janeiro: **Cadernos do CNLF**, v. 13, n. 3, 2009.

**WILLIAMS, E. B. Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.